



EX-LIBRIS

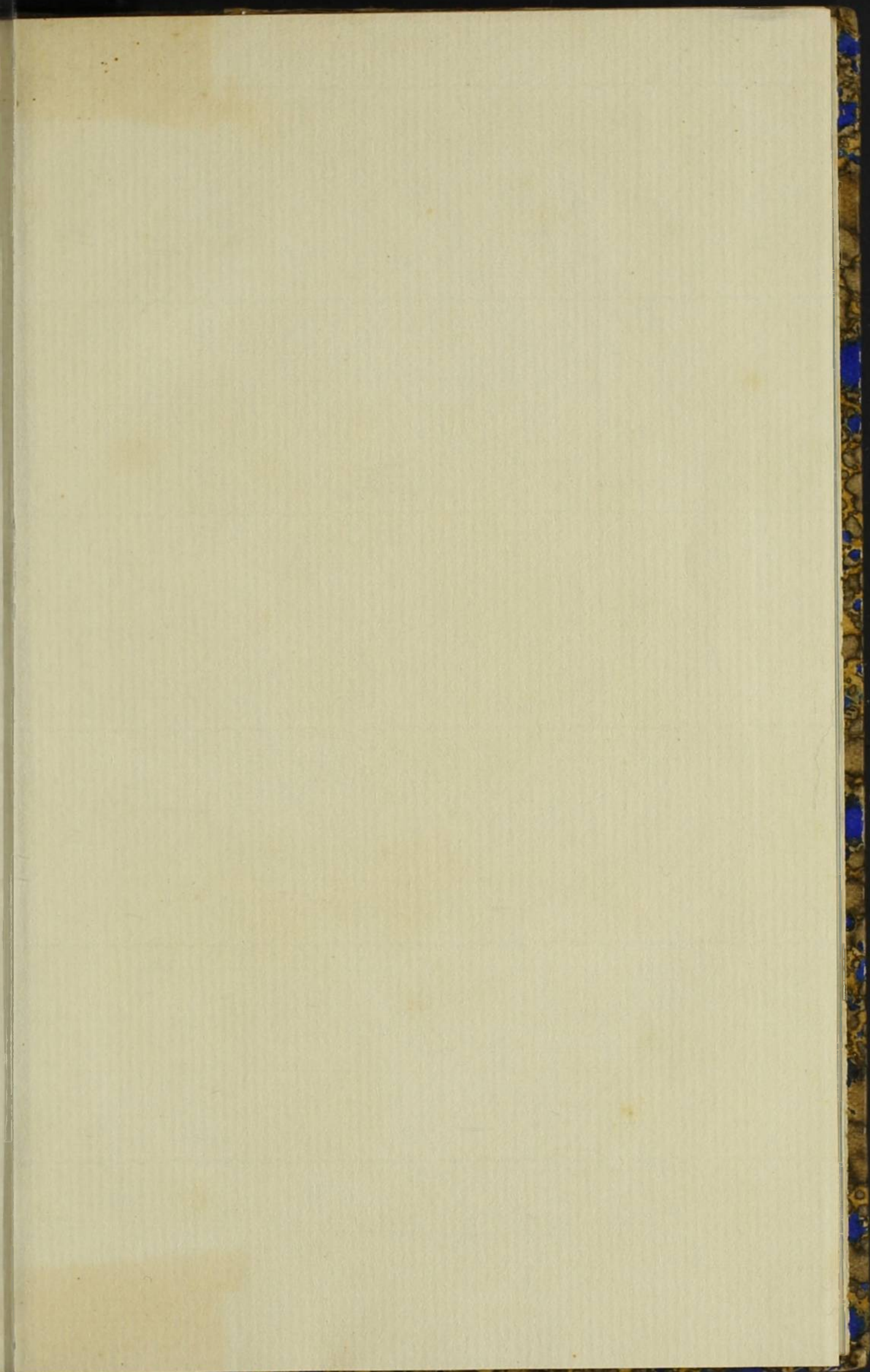


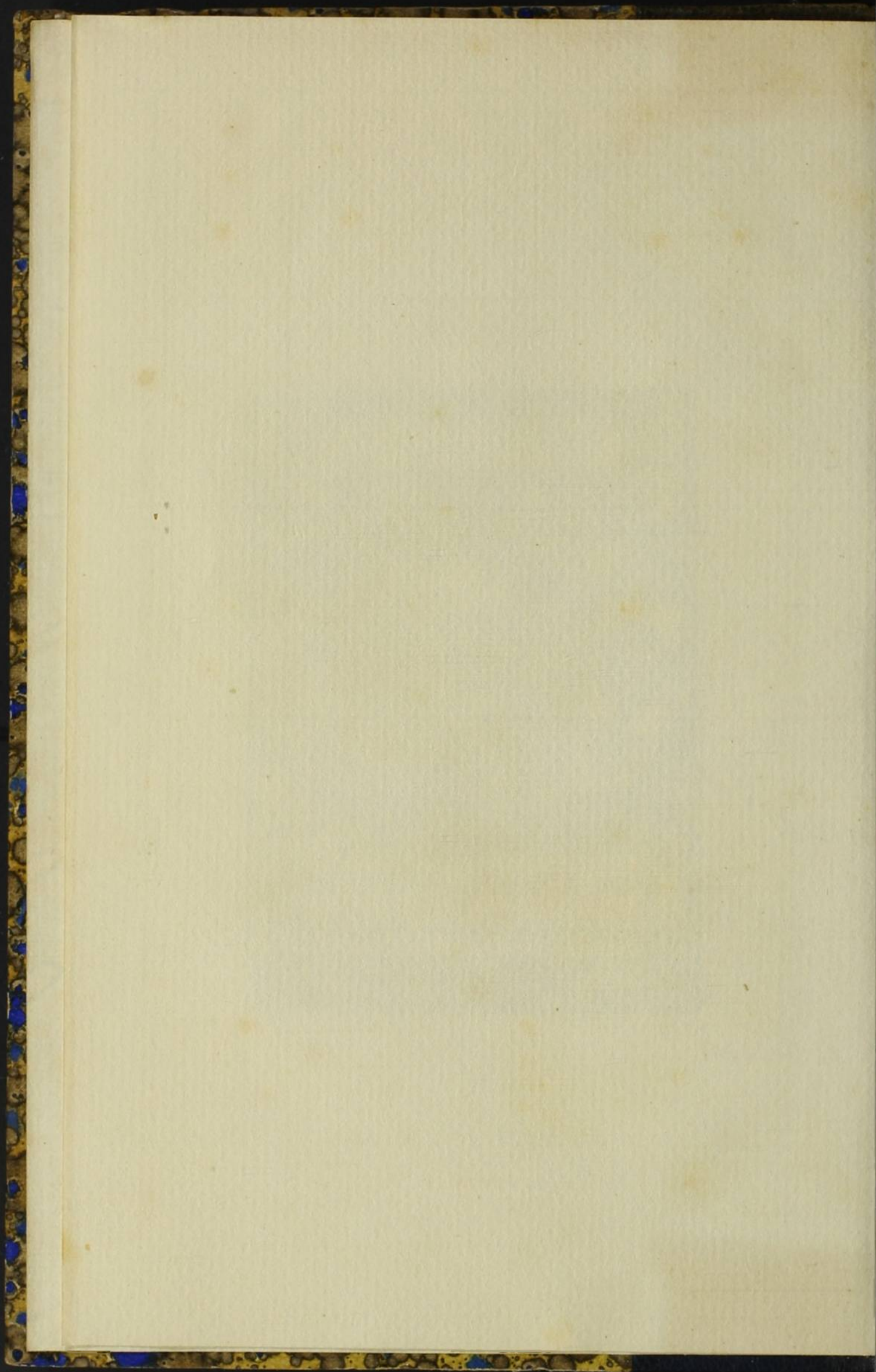
BORBA  
MORAES

RUBENS BORBA  
ALVES DE MORAES

AKSC

w.







LOURENCINHO.

**DRAMA EM 5 ACTOS**

POR

**ALEXANDRE DUMAS**

**TRADUZIDO**

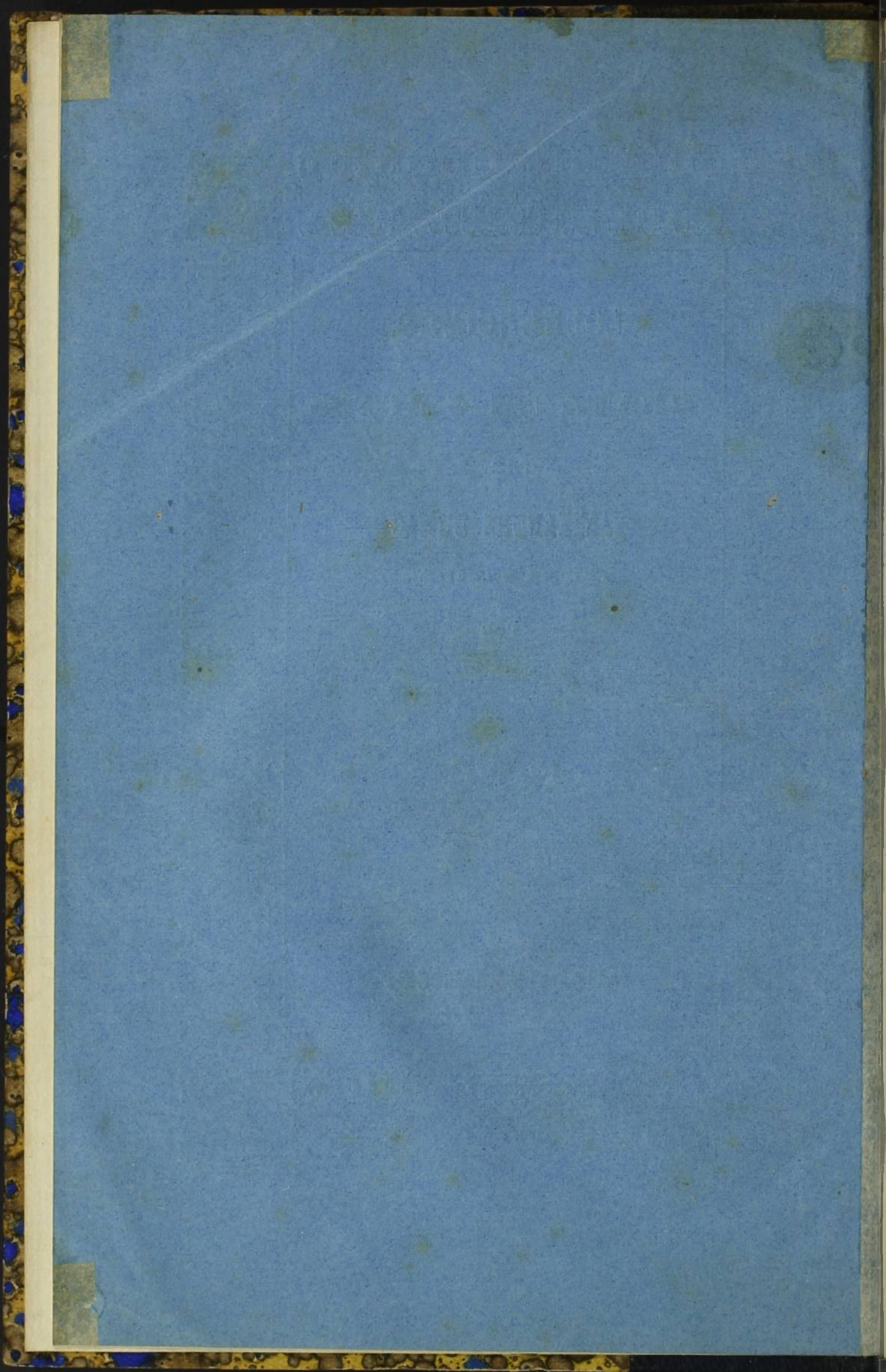
POR

*F. A. Barros.*

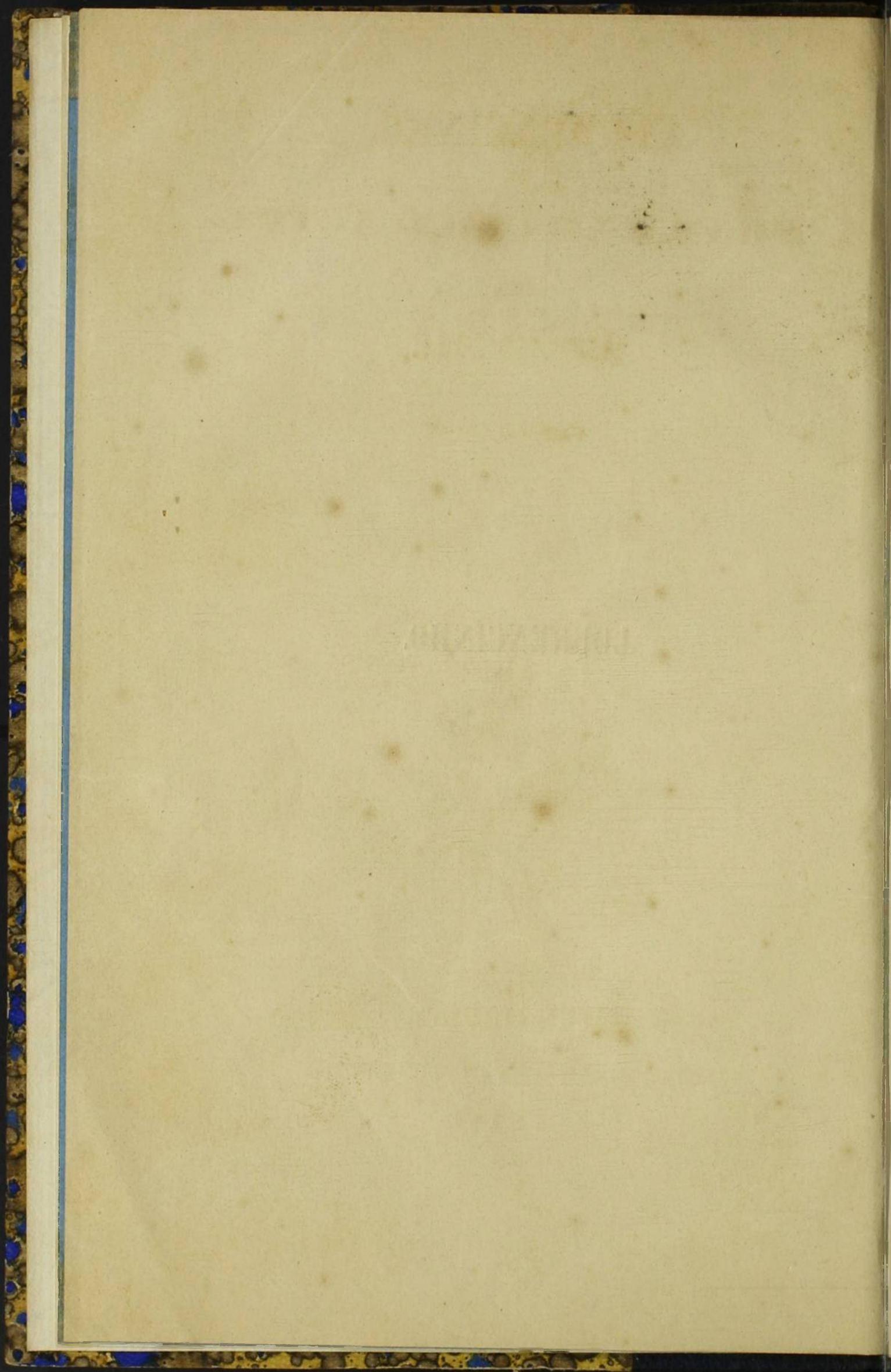


---

**Pernambuco.**



**LOURENCINHO.**





**LOURENCINHO,**  
**DRAMA EM CINCO ACTOS**

POR

**ALEXANDRE DUMAS**

**TRADUZIDO**

POR

*F. A. Barros.*



**Pernambuco;**

TYPOGRAPHIA DE SANTOS E COMP.

**1848.**

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

DEPARTMENT OF CHEMISTRY

LABORATORY OF ORGANIC CHEMISTRY

CHICAGO, ILL.

J. C. B. [unclear]

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

DEPARTMENT OF CHEMISTRY

1925

## Personagens.

---

**O DUQUE ALEXANDRE.**

**LOURENCINHO.**

**MIGUEL.**

**FREI LEONARDO.**

**FILIPPE STROZZI.**

**PEDRO.**

**JERONIMO.**

**VICTOR.**

**MATHEUS.**

**CORSINI.**

**FRECCIA.**

**UM FAMILIAR.**

**CAETANO.**

**LUIZA.**

UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
LIBRARY  
540 EAST 57TH STREET  
CHICAGO, ILLINOIS 60637  
TEL: 773-936-3200  
WWW.CHICAGO.EDU

# ACTO I.

---

## Personagens.

**LOURENCINHO.**  
**O DUQUE,**  
**MIGUEL.**  
**FREI LEONARDO.**  
**STROZZI.**  
**PEDRO.**  
**JERONIMO.**  
**VICTOR.**  
**MATHEUS.**  
**CAETANO.**

1870

1871

1872  
1873  
1874  
1875  
1876  
1877  
1878  
1879  
1880

## ACTO 1.º

A praça de Santa Maria Velha em Florença. A' esquerda do espectador um muro, do qual pendem longos festões de hera ; acima de cujas ameias apparecem ramos de arvore desfolhados. Ao fundo, o Convento da Santa Cruz. A' direita, uma ruazinha de casas. Diante das casas, no terceiro plano, um poço cercado de varões de ferro. E' meia noite, o tempo está sombrio, e o theatro só allumiado por cirios, que ardem diante da Imagem da Virgem collocada em um nicho, no angulo do Convento.

---

### SCENA I.

PEDRO E JERONIMO.

*Pedro sentado no muro entre duas ameias, com as pernas descidas, e com uma escada de corda ao pé de si. Jeronimo entra pela rua á direita, e prepara-se para bater no Convento.*

Es tu, Jeronimo ?

JERONIMO.

Quem é que me chama ?

PEDRO.

Sou eu.

JERONIMO.

Quem és tu ?

PEDRO.

Aproxima-te, que verás.

LOURENCINHO.

JERONIMO.

Ah! é Pedro.

PEDRO.

E' elle mesmo.

JERONIMO.

Que fazes tu repimpado n'este muro?

PEDRO.

E o que vens tu fazer n'este Convento?

JERONIMO.

Vinha ver a S. Alteza o duque Alexandre.

PEDRO.

Tambem estou á espera d'elle.

JERONIMO.

Pois não está elle no Convento da Santa Cruz?

PEDRO.

Não.

JERONIMO.

Como não! Elle devia passar a noite lá.

PEDRO.

Sim ; porem nós achamos a comunidade em revolução ; uma religiosa jazia nas ultimas, ou estava morta ; tambem não sei ; de sorte que a bôa abbadessa agradecendo profundamente a Sua Alteza a honra, que se dignava fazer-lhe, rogou-lhe que por lá passasse em outro dia.



JERONIMO.

E que fez o duque então ?

PEDRO.

Para não perdermos totalmente o tempo, decidio-se, porque estava disposto, a visitar Tereza Sacheti, sua antiga amante, e para que a aventura fosse mais ruidosa, mandou lançar a escada de corda, sem a qual nunca andamos, sobre o muro de seu jardim, e entrou por escalada como um Florentino do tempo de Buondelmonde, ou de Farinata des Uberti, recommendando-me que o aguardasse aqui, e que nos reunissemos contigo, se acaso viesse como t'o havia ordenado, para irmos ter com elle no Convento da S. Cruz.

JERONIMO.

Tá!.... ahi vem gente.

PEDRO.

Sobe, e mascara-te....

(*Mascara-se Jeronimo e sobe cinco ou seis degrãos.*)

---

**SCENA II.**

PEDRO, *no muro*, JERONIMO, *na escada*; CAETANO e VICTOR, *passando no fundo envoltos em longos capotes.*

VICTOR.

Bate, ou toca de leve ; que nos não ouçam os visinhos.

CAETANO.

E' escusado ; aqui trago a chave.

VICTOR.

Ah ! tanto melhor. . . . .

*( Desapparecem. )***SCENA III.**

PEDRO, JERONIMO.

PEDRO.

Desce de pressa, e vê para onde vão esses dous homens.... *( Jeronimo desce, toma a scena, segue a Victor, e a Caetano com a vista, volta depois de vagar para o lugar, que occupava. )*

JERONIMO, em voz baixa.

Dizes por tanto ?

PEDRO.

Que temos ?

JERONIMO.

Enfiaram a primeira porta á esquerda.

PEDRO.

A primeira porta á esquerda? E' justamente a nossa.

JERONIMO

Apre ! pelos menos assim me parece.

PEDRO.

O que quer isso dizer ?

JERONIMO.

O duque está só ?

PEDRO.

Não. Está com o seu decantado Louren-  
cinho.

JERONIMO.

Bem, vai á maravilha.

PEDRO.

Não, é o peor.

JERONIMO.

Se eu fosse previnil o ?

PEDRO.

Vai ; finge que té enganas, e serás bem  
acceito.

JERONIMO.

Ah ! Alem d'isso, elle traz a sua cota de  
malhas e a sua espada, não é assim ?... (*Pedro  
faz signal affirmativo.*) Com sua cota de malhas  
e sua espada o duque não teme a quatro homens,  
segundo diz, e elles são apenas dous.

LOURENCINHO.

PEDRO, *em voz baixa.*

Vem cá, Jeronimo, occorre-me uma ideia.

JERONIMO.

Qual ?

PEDRO, *mais baixo ainda.*

Se fosse Lourencinho que o trahisse !

JERONIMO.

Vamos, ainda as tuas antigas suspeitas.

PEDRO.

E' que as minhas suspeitas se renovam todos os dias, o que veda que envelheçam.

JERONIMO.

Estás louco, meu caro.

PEDRO.

Pelo contrario, desconfio que eu só seja o prudente.

JERONIMO.

Vamos ! Deve-se temer a um homem conhecido, como Lourencinho ?

PEDRO.

Conhecido porque ?

JERONIMO.

Conhecido por um covarde, por um papa-assordas, por um medricas, que se põe a tremmer vendo uma gotta de sangue.

PEDRO.

E se nada d'isso fosse Lourencinho ; se tivesse querido parecel-o somente ?

JERONIMO.

Por minha vida ! a reputação é bôa, e merece bem o afan, que emprega !

PEDRO.

As mascaras não são iguaes, e qualquer toma a que lhe convem ao disfarce que adoptara.

JERONIMO.

Assim que, parece-te que Lourencinho traz uma mascara ?

PEDRO.

Sim, e, se me não engano, deixará ver uma face singular, quando cair.

JERONIMO.

E quem te faz crer isso ?

PEDRO.

Toda sua pessoa! . . . levantas os hombros? escuta cá. Não assiste elle a todos os banquetes do duque ?

JERONIMO.

Sem duvida.

PEDRO.

Nós apenas assistimos a alguns .

JERONIMO.

E' verdade.

PEDRO.

Bem ! viste-o já ébrio ?

JERONIMO.

O duque ? Vinte vezes.

PEDRO.

Não, Lourencinho : nem uma só vez.

JERONIMO.

Bem ! O que prova isso ? que bebe com regularidade.

PEDRO.

Não ; prova que deita agua no vinho, o que differe muito.

JERONIMO.

E só o julgas por isso ?

PEDRO.

Por isso, e por outra cousa ; dirás o que quizeres, Jeronimo ; porem eu não gosto d'esses semblantes, que me parecem tomados a alguma estatua deitada sobre o sepulchro ha dous seculos. . . . O homem soffre, ou é feliz, teme ou espera, tem alegrias ou dores. . . . bem ! já notaste que alguma emoção lhe tocasse o coração, que por ella Lourencinho se tornasse mais corado ou mais palido ? Viste-o já rir ? Viste-o algum dia chorar ? Ouviste-o cantar em algu-

ma orgia ? Já o ouviste orar em alguma igreja ? . . . Não, não ; crê-me, é uma lima surda, que trabalha na sombra, e que corta sem estrondo. Que negocio o occupa ? Eu nada sei ; porem lembra-te do que te digo hoje 3 de Janeiro de 1536, e quando attentarem na mina, que elle cava, quando recuarem amedrontados diante da obra de demonio, que n'ella tiver construido, lembra-te do que te diz Pedro, estás ouvindo, Jeronimo ?

JERONIMO.

Porem, se concebes semelhantes suspeitas, porque ainda as não disseste ao duque, tu que és seu familiar?

PEDRO.

Oh ! eu lh'as tenho communicado ; eu lh'as tenho repetido cem vezes ; elle porem é como os outros ; não as quer acreditar. Já fiz mais ; antes de hontem passámos a noite em casa de Utivette, como sabes.

JERONIMO.

Sim.

PEDRO.

Bem. Quando Lourencinho descia do segundo andar por uma corda . . . eu disse baixinho ao duque: deixai-me cortar a corda, senhor.

JERONIMO.

Que te respondeo ?

PEDRO.

Respondeo-me : Como te aprouver, Pedro,

porem previno-te que, se o fizeres, o carrasco atará as duas extremidades, e o teu pescoço ficará no laço.

JERONIMO.

Apague ! E elle o faria como disse !

PEDRO.

Tambem, por avisado calei-me, e protestei, que seria esta a ultima vez, que fallaria d'elle ao duque ; já que elle o fascinou, como demónio que é.

JERONIMO.

Escuta !

PEDRO.

Que ha ?

JERONIMO.

Ouço gritos. . . parece-me. . . um tenir d'espadas !

PEDRO.

Alerta ! Jeronimo, atacam alguém. . . tu, pela porta, ha no angulo uma alavanca. . . eu por aqui. . . ( *salta no jardim.* )

JERONIMO, *descendo a escada apressadamente, e procurando o longo do muro.*

Onde está ella ? Ah ! ei-la !. . .

( *corre pela rua.* )



PEDRO. *no jardim.*

( *Animo, senhor, aqui estou. . .*

*Continúa-se a ouvir um tinir d'espadas. Durante esse tempo Lourencinho apparece sem gorra no alto da escada, sobe ligeiramente o muro, desce, atravessa a scena em silencio, tira debaixo do capote uma cota de malhas, arroja-a no poço, e vem escutar no meio do theatro: d'ahi a pouco ouve-se um grito; cessa logo o tinir d'espadas, e fica tudo em silencio.*

---

**SCENA IV.**

LOURENCINHO só, depois o DUQUE, depois PEDRO E JÉRONIMO.

LOUR. *em voz baixa.*

Acolá ! . . . jaz um morto. . . quem será?...  
( *Apparece o duque Alexandre a sobir pela escada de cordas do lado do jardim, e com a espada entre os dentes : apenas está a meio corpo pára e cruza os braços. )*

O DUQUE.

A' fé ! que es um bom companheiro, Lourencinho ! dous homens nos atacam, e é preciso que eu faça não só por mim, senão por ti.

LOUR.

Ah! senhor, uma vez por todas, vós me

conheceis ; convem tomar-me pelo que sou, ou deixar-me por outros. . . conviva em vossos festins, em vossos bailes, e em vossos prazeres, em quanto vos aprouver; porem socio em vossas emboscadas, em vossos duelos, em vossas estocadas. . . . obrigado, Alteza, esta honra a outro mais bravo e mais louco que eu.

O DUQUE, *adiantando-se para o muro, e descendo ao longo da escada.*

Covarde !

LOURENCINHO.

Pois bem ! Covarde, sim senhor. . . . covarde até quando quizerdes ; ao menos tenho sobre meus semelhantes a vantagem de me não occultar d'elles. . . . ( *Zombando* ) Ora diga-me, Excellencia, tenho eu uma cota de malhas, como a vossa, para meter-me a valente ?

O DUQUE, *apalpando-se.*

Ah ! por minha vida ! tu me fazes pensar n'ella ; deixei-a na camara de Tereza. ( *Faz movimento para sahir.* )

LOURENCINHO *detendo-o.*

Pois que ! ides a procural-a ?

O DUQUE.

Porque não ?

LOURENCINHO.

A' fé, que deve Vossa Excellencia ter o diabo no corpo. . . . Como por uma miseravel cota de malhas. . . .

O DUQUE.

Falla a teu sabor, eu nunca encontrarei uma que me diga tão bem.

LOURENCINHO.

Benvenuto Cellini vos fará outra igual.

O DUQUE, *caminhando para a imagem da Virgem.*

Sim ; estou por isso !... por uma desgraçada medalha que elle se encarregou de fazer-me, dous annos me fez esperar.

LOURENCINHO.

Pois bem ! passareis sem ella.

O DUQUE.

Sem a minha medalha ?

LOURENCINHO.

Não, sem a vossa cota de malhas... Excellencia, a vossa cota de malhas verdadeira é a vossa coragem.

O DUQUE.

Minha coragem é para os que me atacam de frente, a minha cota de malhas para os que me ferem pelas costas. (*Observa a lamina de sua espada ao clarão dos cirios que allumião a Imagem da Virgem.*) Ah !

LOURENCINHO.

Que temos ?

O DUQUE.

Temos que senão matei o segundo, é per que talvez tenha alma pregada no corpo.... Minha espada está vermelha até os copos.... (*A Pedro que a seu turno apparece no fundo da escada.*) Que é isso, Pedro?

PEDRO.

E' que ha um morto, e o outro está para isso ; quer Vossa Alteza que o conclúa ?

O DUQUE.

Não ; o silencio que elles conservaram atacando-me, faz-me conceber suspeitas singulares ; previnirás o chefe dos archeiros do que aconteceo, e dir-lhe-has que prenda o ferido.

LOURENCINHO.

Presentemente, se alcançassemos o palacio ? Parece-me que são bastantes duas estocadas n'uma noite.

O DUQUE, *apromptando se para sahir.*

Então não os reconheceste ?

PEDRO.

Não ; é noite medonha.... tudo o que sei é que ha um estendido sob o vestibulo, e outro no jardim.

JERONIMO, *que ficára a desatar a escada ao duque que vai sahir pela rua á direita.*

Por ahi não, senhor.

O DUQUE.

E porque ?

JERONIMO.

Parece-me ouvir muita gente, que vem por esta rua.

PEDRO.

E' verdade, senhor, vamos-nos por aqui.

O DUQUE.

Vejamos, tambem tens medo ?

PEDRO.

Algumas vezes, senhor, e Vossa Alteza?

O DUQUE.

Nunca ! . . . e tu, Lourencinho ?

LOURENCINHO.

Sempre. ( *saem.* )

JERONIMO, *que os segue erguendo os hombros.*

E é este o homem de quem Pedro desconfia !

**SCENA V.**

FILIPPE STROZZI, MIGUEL DE TAVOLACCINO, MATHEUS.

STROZZI, *adiantando-se receioso.*

Creio que ha gente n'este lugar.

MIGUEL.

Nada ha que atterre ; meia noite soava, quando enfiavamos a porta de Prato.

STROZZI.

Então demcremos-nos um pouco, aqui é que Caetano e Victor devem reunir-se a nós.

MIGUEL.

Elles moram nos arredores.

STROZZI.

Eis o muro de seu jardim.

MIGUEL.

Então não podem tardar.

STROZZI.

Entretanto, Matheus, vai á casa de minha irmãa, participa-lhe a minha chegada ; informa-te se minha filha tem estado em sua companhia, e se por algum motivo ella entendeo dever deixal-a, procura saber onde está.

MATHEUS.

Senhor, encontrar-vos-hei aqui ?

STROZZI.

Aqui, ou em casa de Caetano Sachethi.

MATHEUS.

Eu vou. . . . ( *sáe pela rua á esquerda.* )

STROZZI, *passando inquieto, em quanto Miguel está sentado á beira do poço.* Acontecer-lhes-hia alguma cousa, Miguel ? Nem um, nem outro apparece. Nada obstante elles andavam mais adiantados que nós, não é assim ?

MIGUEL.

Mais de um quarto de hora ; eu os deixei em S. Donato, e elles vinham directamente a Florença.

STROZZI.

E' singular isto.

MIGUEL, *atravessa a scena e escuta.*

Silencio !

STROZZI.

Que temos ?

MIGUEL.

Paraceo-me ouvir um gemido.

STROZZI.

Aonde ?

MIGUEL.

D'este lado.

STROZZI.

Vai ver o que é.

MIGUEL.

E vós, senhor, chegai-vos a este muro, para que quem passar vos não veja. ( *Aparta-se Miguel, e Strozzi encosta-se ao muro, apparece um mascara á direita.* )

---

**SCENA VI.**

STROZZI, LOURENCINHO *mascarado.*

LOURENCINHO *adianta-se receioso, pára por detraz do poço, observa em de redor de si, anima-se não vendo alguém, atravessa a scena, e vai bater trez vezes na porta da casa, que fica no primeiro plano á direita do espectador; recua depois alguns passos, e bate outras trez vezes na mão; a este signal levanta-se uma gelosia, e apparece uma moça.*

A MOÇA.

Es tu, Lourenço?

LOURENCINHO.

Sim, sou eu, meu anjo, abre de pressa.

A MOÇA.

Prompta !. . . . ( *cáe a gelosia.* )



STROZZI, *murmurando.*

Oh! Florença! Florença, eu te reconheço;  
sempre a mesma com as tuas noites entremeia-  
das de serenatas e de assassinios, de gemidos e  
de frases de amor.

( *Abre-se a porta, entra Lourencinho, e fe-  
cha-se logo a porta.* )

---

**SCENA VII.**

STROZZI, MIGUEL *que volta.*

MIGUEL.

Senhor !

STROZZI.

Que temcs ?

MIGUEL.

Eu não me enganava.

STROZZI.

Então o que ha ?

MIGUEL.

Ao entrarem em casa, Caetano e Victor  
Sachetti surprenderam o duque Alexandre.

STROZZI.

Em casa d'elles ! Logo é certo o que di-  
ziam de Tereza ?

MIGUEL.

Sim.... elles sacaram das espadas ; porrem o duque matou Caetano, e ferio a Victor perigosamente.

STROZZI.

Como não pediram elles soccorro ?

MIGUEL.

Para se trahirem, não é assim ? e para nos perderem com elles ?

STROZZI.

E' justo ; esqueço que somos proscriptos, e que as nossas cabeças valem dez mil florins.

MIGUEL.

Malferido como estava, arrastava-se para aqui, a fim de vos dizer que fugissemos.

STROZZI.

Fugir, e porque ?

MIGUEL.

Porque elle vos não póde mais receber em sua casa, sendo até obrigado a ir mendigar asylo em casa estranha.

STROZZI.

E para onde vai elle ?

MIGUEL.

Para casa de Bernardo Corsini.

STROZZI.

Só, e malferido ! desgraçado ! nós o vingaremos !

MIGUEL.

Oh ! eu o acompanhei até o caminho da Rondinelli. D'ahi á casa de Bernardo só havia alguns passos a dar.

STROZZI.

Muito bem ! Miguel.

MIGUEL.

Elle ao deixar-me disse-me mais, que podias estar tranquillo, que elle seria prezo, sem daviada ; mas que supplicios, nem ameaças, nem tratos arrancariam de sua boca uma só palavra.

STROZZI.

E podemos-los fiar n'elle, pois é corajoso. Visto isso, fico.

MIGUEL.

Pois bem, senhor !

STROZZI.

Miguel, podes te ir embora, se o quizeres ; a sentinella que nos intruduzio, ainda se não deve ter levantado ; assim que, a fuga é facil. Eu te desobriigo da tua palavra.

MIGUEL.

Oh ! senhor, julgava que me conhecieis melhor. Não, não, já que entrei em Florença,

é necessario que se cumpra o negocio para que vim. De mais, se eu quizera fugir, romperia uma voz d'este convento, a qual me deteria a bradar: Es um covarde ! Agradeço pois a offer-ta ; ainda quando fugisseis, a todo custo eu ficára. . . . ( *Abre-se a porta do convento e sáe um monge dominico.* )

---

### SCENA VIII.

OS MESMOS, FREI LEONARDO.

STROZZI.

Que monge é este ?

MIGUEL.

Um frade da ordem de S. Domingos.

STROZZI.

Então, convem que lhe eu falle.

MIGUEL.

E eu tambem.

STROZZI.

Perdão, meu padre. Sois vós do convento de S. Marcos ?

FREI LEONARDO.

Sim, meu filho.

STROZZI.

Meu padre, eu sou um proscripto. Fecha-

ram-me o asylo com que contava. Minha cabeça val dez mil florins. Meu padre, em nome de Savonarole, quereis dar-me hospedagem ?

FREI LEONARDO.

Hei apenas uma cella, é o cubiculo de um pobre monge; porem está a vosso dispor.

STROZZI.

Considerai bem, meu padre; trago-vos sem duvida a perseguição, e talvez a morte.

FREI LEONARDO.

Sejam bem vindas, pois que chegam com o dever.

STROZZI.

Logo, meu padre. . . .

FREI LEONARDO.

Vinde quando vos aprouver, eu vos espero.

STROZZI.

Esta mesma noite.

FREI LEONARDO.

Procurareis a cella de Frei Leonardo. . . .  
*( Apertam a mão um do outro, e separam-se. No momento em que o monge passa para o outro lado do theatro, Miguel tambem o detem, e leva-o ao meio da scena. )*

MIGUEL.

Desculpai-me, meu padre.

LOURENCINHO.

FREI LEONARDO.

Que me quereis, filho.

MIGUEL.

Vindes do Convento de S. Cruz ?

FREI LEONARDO.

E' uma comunidade da mesma ordem,  
que a nossa, e eu sou o seu director.

MIGUEL.

Então podeis inteirar-me do que desejo.

FREI LEONARDO.

Dizei o que é.

MIGUEL.

Entre as religiosas que habitam este con-  
vento. . . .

FREI LEONARDO.

Que tem ?

MIGUEL.

Não ha uma que se chama. . . .

FREI LEONARDO.

Não vos lembrais mais do seu nome ?

MIGUEL.

Primeiro me esquecerei do meu, padre....  
que se chama Nella ?

FREI LEONARDO.

Ereis seu parente ? Ereis seu amigo ? ou para ella não ereis mais que um estranho ?

MIGUEL.

Eu era . . . . era seu irmão.

FREI LEONARDO.

Orai por vossa irmãa, que está no céo.

MIGUEL.

Morreo, meu padre ?

FREI LEONARDO.

Esta manhãa.

MIGUEL.

Meu Deos, vós sois grande e misericordioso, e eu vos rendo graças. Apoz a agitação terrena, a paz celeste . . . apoz a dor de um dia, a bemaventurança eterna.

FREI LEONARDO.

Era só isto o que tinheis a perguntar-me, filho ?

MIGUEL.

Meu padre, poderia eu vel-a ?

FREI LEONARDO.

Esta noite transportarão o seu corpo para o convento da Santissima Annunciata, onde pedio queria ser sepultada.

MIGUEL.

Sahirá logo ?

FREI LEONARDO.

Vede, eil.a que sáe.

MIGUEL.

Obrigado ! ( *Abre-se a porta do Convento ; sáe a Confraria da Misericordia, levando aos hombros o corpo de Nella ; a moça está n'uma tumba toda ornada de flores, e coroada de rosas brancas, com o rosto descoberto.* )

Detende-vos, irmãos, e deponde aqui um instante o corpo d'esta joven. Foi o só coração, que me amou, e pela ultima vez quizera agradecer-lhe tanto amor. ( *A confraria põe em terra a tumba, Miguel ajoelha diante d'ella.* Não é verdade Nella, que tua agonia foi menos dolorosa que tua vida ? A morte tão temida de uns não é para outros mais que uma amiga pallida e fria, que nos acalenta em seus braços, como uma bôa mãe, e que nos deita docemente no leito eterno. Pobre infante, não é verdade, que fiz bem, em vez de te chorar, de agradecer a Deos por te haver chamado a si ? Adeos, Nella, adeos, pela ultima vez. Amava-te, pobre joven terrena, amo-te, bello anjo do céo. Adeos, Nella. Eu vim para vingar-te, dorme tranquilla ; não te farei esperar mais. . . ( *Abraça-a pela frente, depois levanta-se :* ) Obrigado, irmãos ; agora podeis leval-a ; ah ! entre nós tudo acabou-se ; entrego-a em corpo e alma nas mãos do Senhor. . . ( *Aparta-se o cortejo mortuario, ficam tres pessoas em scena ;*



*Miguel que vai ajoelhar diante da Imagem da Virgem ; Strozzi que está arrimado aos varões de ferro do poço, e Matheus, que está em pé junto á porta do Convento. )*

SCENA IX.

STROZZI, MIGUEL, MATHEUS.

MATHEUS, *caminhando para Strozzi.*

Senhor....

STROZZI.

Ah ! és tu, Matheus ? Viste o que se passou ?

MATHEUS.

Eu estava alli.

STROZZI.

Conhecias esta religiosa ?

MATHEUS.

Sim. Era a filha unica do velho Lapo, o cardador de lãa. Lembra-me que me disseram que o duque a tinha feito raptar da casa do pai, e que, alguns dias depois de seu rapto, ella entrára para este Convento. Data d'esse tempo o seu padecer continuo, e esta manhãa morreo como uma Santa.

STROZZI.

Uma victima de mais que vai bradar jun.

to do throno de Deos, contra ti, duque Alexandre. Deos queira que seja a ultima. Bem ! Matheus, viste minha irmãa ?

MATHEUS.

Vossa irmãa, bem como havieis pensado, não se atrevo a guardar em casa a sua sobrinha ; quando vos ella vir, vos dirá porque.

STROZZI.

E Luiza ?

MATHEUS.

Está occulta n'esta mesma praça, em uma casa, que habita com a velha Assunta.

STROZZI.

E que casa é essa ?

MATHEUS.

A do numero 226.

STROZZI.

Vai ver uma luz, e allumia-me.

MATHEUS, *de volta repetindo os numeros.*

228, 227, 226. E' aqui.

STROZZI, *lembrando-se que vira um homem entrar ahi.*

Aqui ?

MATHEUS.

Sim.

STROZZI.

Enganas-te, Matheus, enganas-te ; não é possível.

MATHEUS.

Nada obstante, o numero, que me indicou vossa irmãa, é o numero 226.

STROZZI.

E disse-te minha irmãa que Luiza morava só.

MATHEUS.

Só.

STROZZI.

Sem mais outra mulher que a velha Assunta?

MATHEUS.

Sem mais outra mulher que ella.

STROZZI, *cambaleando.*

Oh ! meu Deos !

MATHEUS.

Que tendes ? em nome do céo, que tendes vós, senhor Filippe ?

STROZZI.

Nada, Matheus, nada. Vai esperar-me á praça de S. Marcos, defronte do Convento dos Dominicanos ; breve serei contigo.

MATHEUS.

Todavia....

STROZZI.

Vai ! ( *Matheus obedece e vai por o cirio diante da imagem da Virgem, Strozzi mascara-se, e indireita-se á porta da filha. No momento em que está defronte, abre-se a porta, e sáe o homem mascarado.* )

---

**SCENA X.**

STROZZI, LOURENCINHO, MIGUEL  
*sempre de joelhos diante da Imagem da Virgem.*

LOURENCINHO a *Strozzi.*

Que queres tu ?

STROZZI.

Quem és tu ?

LOURENCINHO.

Que te importa ?

STROZZI.

Tanto me importa, que quero sabel-o immediatamente. Tira essa mascara !.... ( *Arranca-lhe a mascara.* ) Lourencinho !.. ( *tira a sua.* )

LOURENCINHO.

Filippe Strozzi. . . . Ah! por Deos, que fizeste bem, Strozzi, em tirar a tua mascara, porque eu te não houvera reconhecido! E que vens fazer aqui, estando proscripto, e sabendo que a tua cabeça val dez mil florins?

STROZZI.

Venho pedir-te conta da honra de minha filha.

LOURENCINHO.

Se vieste só para isso, Philippe, affirmo-te por minha honra que a inquietação paterna fez-te correr grande perigo; porque quanto á honra de tua filha, está tão intacta, como se ella não se tivesse apartado um só instante dos olhos de sua mãe.

STROZZI.

Lourencinho sáe a uma hora da manhã de casa de minha filha, Lourencinho me diz que minha filha ainda é digna de seu pai, Lourencinho mente.

LOURENCINHO.

O desterro te fez perder a memoria, Strozzi. Esqueceste que esposaste a irmã de minha mãe, que Luiza e eu eramos destinados um para o outro, que tua mulher nos tratava como irmãos, como tratava os outros filhos?

STROZZI.

Sim, tinha esquecido tudo isso, é verdade.

Mas escuta ! Quero recordal-o. Sim, es meu solrinho ; sim, minha mulher vos destinava um para o outro, e vos considerava como seus filhos. Bem ! Chegou o dia promettido. Já tens vinte e tres annos, e Luiza dezeseis. Proscripto como sou, desamparada como ella vive, é-lhe necessario alguém que lhe dê o que perdeu no passado, e o que espera no futuro ; alguém que simultaneamente a ame com amor de pai e d'esposo. Ella é o unico bem que me resta. . . . é o só anjo que ora por mim na terra. Pois bem ! o meu unico anjo, a minha unica esperanza, o meu unico bem, eu te dou tudo isso, Lourencinho, eu, pobre proscripto ; desposa Luiza, torna-a feliz, e qualquer que seja o preço do thesouro que eu te houver dado, julgarei não só que estamos quites, como até direi solemnemente que sou teu devedor.

LOURENCINHO, *com voz abafada.*

Tu bem sabes, Strozzi, que o que me propões era possivel outr'ora, que o será talvez no futuro ; porem é n'actualidade impossivel.

STROZZI.

Previa a tua resposta. E porque não é possivel ? dize. . . . Deos me dá a paciencia de escutar-te, e eu te escuto.

LOURENCINHO, *com o seu ar ordinario.*

Oh ! sem duvida ! Como queres, que eu, o valido, eu o confidente, eu o amigo do duque Alexandre, espose justamente a filha do homem, que conspira abertamente contra elle ; o qual tem, no espaço de cinco annos que elle está

no throno, tentado assassinal-o duas vezes, e que, banido de Florença, entra n'ella esta mesma noite para tentar ainda, como tudo induz a crer, alguma loucura do mesmo genero? Para esposar Luiza, Philippe, fora preciso que eu estivesse louco !

STROZZI.

Oh ! meu Deos ! para que me reservaste ! E nada obstante quero ir ao cabo. Lourencinho, acabas de invocar a miuha memoria, e bem o viste, a minha memoria foi fiel ; deixa-me invocar agora a tua.

LOURENCINHO.

Ah ! talvez seja mais difficil, Strozzi, por que eu te previno, tenho esquecido muitas cousas.

STROZZI.

Oh ! ha cousas de que te deves lembrar, porque ellas importam a vida. São conselhos que te dava teu pai, quando eras adolescente ; mancebo, são as promessas que fazias á tua patria. Lourencinho, tão completa mudança se faria em ti, que não haja mais em tua alma nada do que havia, e que o presente tenha tão presto dissipado as promessas do futuro ? Dar-se-ha por ventura que o entusiasta de Savonarole se tenha tornado o lisongeiro, e o adulator de um espurio de Medicis ? Dar-se-ha caso, que aquelle que aos desanove annos fazia a tragedia de Bruto, quatro annos depois represente na côrte de Nero o papel de Narciso?

Não, não, isso é impossível ; e o que é certo é o que dizem baixinho alguns, não é assim ?

LOURENCINHO.

E o que dizem elles ?

STROZZI.

Que como Bruto te finges louco ; porem que como elle todas as noites beijas a terra, nossa mãe commum, pedindo á tua patria o perdoar-te a apparencia em favor da realidade. Bem ! a hora de calar a viseira é chegada. E' chegada a hora de trocar o papel de bobo pelo punhal do republicano. Não ha um minuto a perder, se queres ter parte na grande empresa que se prepara ; depois de amanhã, amanhã talvez seja tarde. Lourencinho, tens que trabalhar muito para vires a ser Lourenço. Pois bem ! Tomo o teu passado sobre mim, e faço-te d'elle uma aureola para o futuro. Abro-te as nossas fileiras, cedo-te o meu lugar. Marcha á nossa frente, conduze-nos, e eu serei o primeiro a dar a todos o exemplo da obediencia.

LOURENCINHO.

Sabes, Strozzi, que tiveste uma maravilhosa ideia ? !. . . . A mim Lourencinho, a mim o rei dos festins, a mim o principe de brincados dias, a mim o heróe das noites de folias, vens tu offerecer o lugar de chefe de uma conspiração negra, sombria, romana, mysteriosamente tecida nas trevas, bem como as de Spartaco, e Catilina, com juramentos prestados sobre as laminas de um punhal, ou com sangue bebido em uma taça. Não, não. Quan-



do eu estiver louco para conspirar, será de um modo menos triste e serio. Depois, como recompensa a tua republica florentina os que se sacrificam por ella! . . . . Que mãe terna que é para seus filhos, que amante fiel a seus amantes! Vejamos, contemos os que este golpho de Decio tem devorado sem que se farte. Primeiramente os Pazzi que, prevendo o futuro, quizeram cortar o mal pela raiz, e a quem deixastes inforçar no balcão do antigo palacio! Savonarole, o christão Lycurgo que vos quiz dar uma republica, em comparação da qual a que Platão sonhava era uma escola de voluptuosidade e corrupção, e a quem deixastes queimar na praça da Senhoria; finalmente Dante de Castiglione, Romano do tempo dos Gracchos, perdido no meio da nossa idade moderna, que elle não comprehendia, e de quem não era comprehendido, e a quem deixastes invenenar em Itri! Deste modo, corda, fogueira, veneno, taes são as recompensas que Florença, a reconhecida, a generosa, destina áquelles que se sacrificam por ella. . . . Obrigado. . . . Não, não, Philippe, crê-me, o melhor é não conspirar; porém, quando conspirares, convem que conspires só, sem amigos, sem confidentes, e então, se o teu sonho não tomar mui arrojado vôo, terás probabilidade de ver prosperar a tua conspiração. Fallas-me em tomar o teu lugar, Strozzi, em pôr-me á vossa frente, em colher para mim só a honra suprema da empresa. Desgraçado, queres que te eu diga como findará a tua empresa?! . . . . Antes de vinte e quatro horas, todos sereis presos. Apenas estais em Florença, não é assim? Apenas lhe pizais o

solo ; ainda não ha uma hora que lhe franqueastes a porta. . . . Pois bem ! O duque já sabe que andais aqui, ja se deram ordens para vos prenderem, já um de vós está ferido, e o outro morto !. . . . Oh ! Strozzi, Strozzi, segue um bom conselho, um louco o dá muitas vezes. Toma presto o caminho que te trouxe aqui, sáe pela porta que entraste, ganha a fortaleza de Montereccione, fecha as tuas portas falsas, ergue as tuas pontes levadiças, e espera.

STROZZI.

Sou bem infeliz, Lourencinho. De tres perdidos, que contava fazer-te, já dous me recusaste ; porem não perco ainda a paciencia, e espero que me has de conceder o terceiro.

LOURENCINHO.

De bom grado, Strozzi, se elle é menos insensato que os dous primeiros.

STROZZI, *desembainhando a espada.*

E' que me dês satisfação de tuas offensas, de tuas recusas, e de teus conselhos.

LOURENCINHO.

Um duello ! Philippe Strozzi propõe um duello a Lourencinho ! Ah ! por minha vida, estás completamente louco. Um duello a mim !. . . dormiste cincoenta annos, como Epimenides, para me fazeres semelhante proposição ao despertar ? Um duello ! Eu bater-me, eu ? !. . . Pois ainda se não convenceram que eu não tenho animo para levantar uma espada, que sou um es-

pantalho, e um covarde?... Oh! julgava ser mais bem conhecido desde que Florença recita meu panegyrico a toda a Italia, e a Italia a toda a terra. Obrigado, Strozzi, obrigado por haveres hesitado entre mim e Florença; es o só homem que me faz esta honra. Agradecido.

STROZZI.

Sim, tens razão, Lourencinho. Es um miseravel.... um covarde!.... não mereces morrer pela mão de um homem como eu.... Já nada te peço.... nada espero de ti.... Só espero em Deos! Nunca mais te eu veja.

LOURENCINHO.

Embora.... eis-te agora rásoavel, e como eu te quizera ver sempre.... Adeos. Strozzi.

STROZZI.

Adeos.

---

**SCENA XI.**

STROZZI, MIGUEL.

STROZZI.

Miguel?

MIGUEL.

Senhor!

STROZZI, *mostrando-lhe Lourencinho.*

Vês esse homem que se retira?

MIGUEL.

Lourencinho ?

STROZZI.

Sim, Lourencinho.

MIGUEL.

Que tem isso ?

STROZZI.

Que tem ? ! Se elle não estiver morto ámanhã de manhã, a noite estamos perdidos.

MIGUEL.

Como assim ?

STROZZI.

Elle sabe de tudo.

MIGUEL.

Pois bem ! . . . . morrerá. (*Strozzi, caminhando para a porta da filha como para entrar, levanta o martello, e deixando-o cahir sem estrondo, depois d'instantes de reflexão: Não ; esta noite, não ; esta noite eu a mataria.*)

**Fim do Acto Primeiro.**

## **ACTO II.**

---

### **Personagens.**

**LOURENCINHO.**

**MIGUEL.**

**O DUQUE.**

**LUIZA.**

**UM FAMILIAR.**

WORLD

WORLD

WORLD  
WORLD  
WORLD  
WORLD  
WORLD

## ACTO 2.º

O gabinete de trabalho de Lourencinho. Duas portas lateraes, uma no fundo. Bustos, estatuas, instrumentos de physica, manuscriptos espalhados sem ordem.

---

### SCENA I.

LUIZA, mascarada, com o cotovelo na mesa em attitude de quem espera. UM CRIADO, depois LOURENCINHO.

O CRIADO, abrindo a porta do fundo.

Senhora, chega meu amo.

LOURENCINHO, no limiar da porta, dirigindo-se ao criado.

Que mulher é esta ?

CRIADO.

Não sei : quando lhe disse que Vossa Excellencia sahira, pedio-me lhe consentisse esperal-o ; porem recusou-me dizer seu nome, e tem constantemente conservado a mascara.

LOURENCINHO.

Está bem, deixa-nos.

(Retira-se o criado, adianta-se Lourencinho.)

LUIZA, *tirando a mascara.*

Sou eu, Lourenço.

LOURENCINHO.

Luiza, es tú, meu amor... (*fecha a porta.*)  
Meu Deos!... quem te levou a commetter esta  
imprudencia? vir assim á minha casa, em pleno  
dia ??

LUIZA.

O duque sabe onde moro, Lourenço.

LOURENCINHO, *sem admiração.*

Ah ! e como o descobrio elle ?

LUIZA.

Ao sahir esta manhã da Santissima-An-  
nunciata, onde acabava de ouvir missa, fui se-  
guida por um homem.

LOURENCINHO.

Nada obstante, eu te havia recommenda-  
do, menina, que nunca sahisses sem mascara.

LUIZA.

Eu a tinha, Lourencinho ; porem igno-  
rando que me espreitavam, tirei-a por instan-  
tes, em quanto fazia o signal da cruz com agua  
benta... Esse homem estava occulto por de-  
traz da pia.

LOURENCINHO.

Logo, reconheceo-te ?



LUIZA.

E seguio-me.

LOURENCINHO.

Até a casa ?

LUIZA.

Até a casa !

LOURENCINHO.

Devias entrar em outra parte para lhe trocar as voltas.

LUIZA.

Que queres ?... Não me lembrei d'isso ; quando me vi seguida, fiquei fóra de mim.

LOURENCINHO.

E quem te faz crer que esse homem era mandado pelo duque ?

LUIZA.

Eu o mostrei a Assunta, em quanto elle tomava o numero da casa. Ella o reconheceo ; chama-se Jeronimo.

LOURENCINHO.

Jeronimo... Sim, é isso.

LUIZA.

Agora, que convem fazer ?

LOURENCINHO.

Nada... esperar.

LUIZA.

Jesus! Lourenço, como recebes esta noticia com esse ar indifferente.

LOURENCINHO.

E' que ella me não parece de grande importancia.

LUIZA.

Não te parece de grande importancia! Mas lembra-te, Lourenço, qual foi o terror, quando soubeste que o duque me tinha visto, e percebeste que me tinha amor. Não me fizeste deixar o palacio de minha tia para me pôr a coberto de suas pesquisas?... Lembra-te que, recommendando-me as precauções que podiam occultar meu retiro, disseste-me, que cem vezes preferias morrer a vel-o descoberto.

LOURENCINHO.

Sim, porque então havia ingente perigo.

LUIZA.

E não existe mais este perigo?

LOURENCINHO.

Tem diminuido pelo menos.

LUIZA.

Assim, não te assusta que elle saiba, onde habito presentemente?

LOURENCINHO.

Eu me propunha a dizel-o á manhãa.

LUIZA.

Lourencinho. . . . eu te escuto. . . . encaro-te, e não te comprehendo.

LOURENCINHO.

Necessitas comprehender-me, Luiza? Tu crês em mim?

LUIZA.

Oh! creio tanto como em Deos.

LOURENCINHO.

Deixa-me pois fazer o que entendo, não te dê cuidado o mais. . . . Não tens outra noticia a dar-me?

LUIZA.

Como! Sabes tu já que meu pai está em Florença?

LOURENCINHO.

Já.

LUIZA.

Então sabes todas as cousas?

LOURENCINHO.

Sei que es um arjo, e que eu te amo.

LUIZA.

Sim. . . . um monge deo-me pela manhã esta alegre noticia. . . . e me fallou longamente de ti e de nosso amor: quiz segui-o; mas elle disse-me que meu pai ainda não me queria ver.

LOURENCINHO.

LOURENCINHO.

Então, sou mais feliz do que tu, porque já o vi.

LUIZA.

Quando o viste?

LOURENCINHO.

Hontem á noite.

LUIZA.

Aqui ?

LOURENCINHO.

Não.... na porta de tua casa, onde elle me tinha visto entrar, e no limiar da qual esperava que eu sahisse.

LUIZA.

Jesus ! Que te disse elle ?

LOURENCINHO.

Propoz-me o ser teu esposo.

LUIZA.

E.... e que lhe respondeste !

LOURENCINHO.

Disse-lhe que não.

LUIZA.

Disseste-lhe que não.

LOURENCINHO.

Disse.

LUIZA.

Tu recusaste, Lourenço !... E todavia dizes que me tens amor.

LOURENCINHO.

Sim, é mesmo porque te amo, que recusei.

LUIZA.

Meu Deos ! meu Deos ! Lourenço, serás sempre para mim um eterno mysterio ! tu me tens amor, todos os dias me dizes, que eu sou a tua unica ventura ; que teu unico sonho do futuro sou eu ; que eu sou o teu unico pensamento, o teu pensamento de todas as horas.... e quando meu pai, unico obstaculo que tinhamos a temer, propõe a nossa união, tu a recusas ! Lourenço, Lourenço ! illudir-me-has pois em tudo que me dizes ?

LOURENCINHO.

Não.... ha somente uma cousa que te não digo, que te não direi.... mas que saberás um dia com Florença, com a Italia, com o mundo ; uma cousa que eu não dissera mesmo a Deos.... se Deos não soubesse todas as cousas ; não sejas pois zelosa.

LUIZA.

Recusaste !

LOURENCINHO.

Sim, porque a hora não é chegada. Escuta-me, Luiza ; sabes quanto dizem de mim em Florença ?

LUIZA.

Sim, mas tu sabes tambem que eu nada tenho acreditado. . . .

LOURENCINHO.

Não te faças mais forte do que es, Luiza, porque eu sei que mais de uma vez tens duvidado.

LUIZA.

Sim ; quando não estavas presente. Sim ; quando todos esses rumores, que te accusam, susurravam a meus ouvidos ; sim ; quando as tuas acções vinham tantas vezes desmentir a voz intima do meu coração. Sim, eu duvidei : mas apenas te avistava, Lourenço, apenas ouvia o som da tua voz, apenas via os teus olhos fixados nos meus, como agora, eu dizia logo : Enganar-se-ha o mundo inteiro ; mas o meu Lourenço não me engana.

LOURENCINHO.

E tinhas razão, Luiza ; assim julga do que soffri quando vendo offercer-se-me o thesouro de todas as minhas esperanças ; quando não tendo mais que um signal a fazer para o conseguir ; quando não tendo mais que estender a mão para tomal-o. . . . eu o recusei ; sim, recusei o que outr'ora pagara com a metade de mi-

nha vida.... O que tenho soffrido esta noite, Luiza, as lagrimas amargas que tenho devorado, as dores inauditas que tenho dissimulado, não o sabes tu, nunca o saberás !... Po-  
bre menina.... Deos desvie de tua fronte a-  
bençoada até a sombra dos males, das miserias,  
e das vergonhas, que faz pesar sobre a minha !

LUIZA.

Então porque recusaste ?

LOURENCINHO.

Porque tenho forças para soffrer a humilha-  
ção que só peza sobre mim ; porem o que posso  
soffrer por mim, nunca o soffrerei por aquella  
que amo.... para aquella que amo, é necessaria  
uma fronte casta, pura, e risonha.... essa cas-  
tidade virginal, essa pureza angelica, encon-  
trei-as em ti.... Sendo a mulher de Louren-  
cinho, perderias tudo isso.

LUIZA.

Dia virá, Lourenço, em que entre nós não  
haja mais empecilhos, nem mysterios, não é as-  
sim ? Dia virá em que em presença de todos  
poderemos confessar o nosso amor.... Tu m'o  
prometteste, não é assim, Lourenço ?

LOURENCINHO.

E esse dia talvez, Luiza, já venha rompendo.

LUIZA.

Oh ! elle será um dia de rosas para mim.

LOURENCINHO.

E será um grande dia para Florença ; nenhuma duqueza subio jámais ao throno com um cortejo de alegria e de acclamação igual ao teu. Não me faltem Deos e o teu amor, e os teus sonhos de ventura, Luiza, eu t'o juro, ficarão a quem da realidade.

LUIZA.

Logo, meu pai. . . .

LOURENCINHO.

Vai vel-o intrepida, conta-lhe o teu amor casto e puro, conta-lhe o meu amor profundo e eterno.

LUIZA.

E o duque ?

LOURENCINHO.

Não te assustes, isso me pertence. ( *O criado apparecendo á porta lateral á esquerda.* ) Sua Alteza o duque Alexandre sobe a grande escada do palacio.

LUIZA.

O duque ! . . . . Santa Virgem ! ver-me-hia elle ? saberia que estou aqui ?

LOURENCINHO.

Não ; elle vem a conferenciar comigo como de costume ; sabes que eu sou o seu melhor amigo.



LUIZA.

Ah!

LOURENCINHO, ( *ao criado.* )

Roga a Sua Alteza, que passe ao salão ; eu mesmo irei abrir-lhe a porta. Eu estava fechado. . . . trabalhava. . . . percebes ?

O CRIADO.

Sim, Excellencia. ( *sáe.* )

LOURENCINHO.

Luiza, passa por este gabinete ; uma escada occulta te conduzirá ao pateo. . . . Põe a mascara e não a tires por motivo algum.

LUIZA.

Adeos, meu Lourenço, quando te tornarei a ver ?

LOURENCINHO.

Esta noite provavelmente. . . . A proposito, Luiza, onde está Strozzi ? . . . . hesitas ? . . . comprehendo. . . . é um segredo supremo, guarda-o.

LUIZA.

Oh ! não, nada de segredos para ti, Lourenço, nem mesmo aquelle de que depende a vida de meu pai. . . . Philippe Strozzi está no Convento de S. Marcos, na cella de frei Leonardo. . . . Adeos. . . .

( *Mascara-se, e desaparece.* )

**SCENA II.**

LOURENCINHO, *só, vendo-a retirar-se.*

Oh ! sim, meu bello anjo do céo, eu te pagarei com alegria e ventura o teu amor e a tua confiança inabalavel. . . . Sim, sim, sê tranquilla ; alguem te fará grande e feliz, minha duqueza. . . . Adeos.

( *Vai abrir a porta ao duque.* )

**SCENA III.**

O DUQUE, E LOURENCINHO.

LOURENCINHO.

Perdão, Alteza. . . .

O DUQUE, *n'uma janella do segundo salão.*

Espera, espera ; já te fallo ; observo alguma cousa, bem !. . . . ( *deixando a janella e entrando no gabinete.* ) Parece-me que te perturbo, meu philosopho ?

LOURENCINHO.

A mim, senhor ?

O DUQUE.

Estavas trancado !

LOURENCINHO.

Estava trabalhando.

O DUQUE.

Em alguma nova tragedia de Bruto ?

LOURENCINHO.

Eis como os principes são injustos....  
Compunha uma ode em louvor de Vossa Alteza.

O DUQUE.?

Estavas sosinho ?

LOURENCINHO.

Estava com a inspiração, que nunca me falta, quando trato de semelhante assumpto.

O DUQUE.

E' verdade, eu a vi sair.... tinha um vestido verde, um veo branco, e uma mascara preta.

LOURENCINHO.

Vamos, estou convencido que nada se pode occultar a Vossa Alteza.

O DUQUE.

Nada occultar-me !... Sabes que eu venho expressamente para altercar contigo ?

LOURENCINHO.

Comigo, senhor ?

O DUQUE.

Sim, contigo!... Eute encarreguei de minha contra-polícia; andas em dia com as cousas?

LOURENCINHO.

E que aconteceu?

O DUQUE.

Aconteceu que eram o marido e o irmão, que nos surpreenderam esta noite.

LOURENCINHO.

De certo!

O DUQUE.

Caetano e Victor Sacheti, que haviam entrado na cidade para fazerem esta bôa prêa.

LOURENCINHO.

Que tal? E que homem habil descobriu esta grande conspiração?

O DUQUE.

Teu amigo Mauricio.

LOURENCINHO.

A' fé, que tendes um bom chanceller, Alteza. E é tudo o que vos disse?

O DUQUE.

Nada mais sabia.

LOURENCINHO.

Então, está persuadido que os dous Sachetis entraram sós.

O DUQUE.

Assim o crê.

LOURENCINHO.

Então, não vos fallou mais de ninguém?

O DUQUE.

Não.

LOURENCINHO.

Filippe Strozzi, por exemplo. . . . Não sabe elle onde está?

O DUQUE.

Oh! esse está sempre em sua fortaleza de Montereccione.

LOURENCINHO.

Bem, vejo que me tinha enganado a respeito do meu amigo Mauricio, como o chamais, Alteza.

O DUQUE.

E que pensavas tu?

LOURENCINHO.

Pensava que era um louco; porem vejo que não passa de um imbecil.

O DUQUE.

Quem te faz crer isso?

LOURENCINHO.

LOURENCINHO.

O modo porque está informado dos negocios.

O DUQUE.

Como ! Filippe Strozzi. . . .

LOURENCINHO.

Sahio de Montereccione hontem ás tres horas da tarde.

O DUQUE.

E agora está. . . .

LOURENCINHO.

Em Florença !

O DUQUE.

Em Florença ?

LOURENCINHO.

Oh ! certamente é uma personagem de pouca consideração, para ir e vir sem inquietar alguém. . . . nada mais é que o chefe dos descontentes ; e de mais não tem elle duas vezes tentado assassinar a Vossa Alteza ? Porem Vossa Alteza de tal sorte está acostumado com taes tentativas, que não val a pena postarem-se á noite ás portas da cidade sentinellas de confiança.

O DUQUE.

Que queres dizer com isso ?

LOURENCINHO.

Que se não tivesseis por vós o pobre Lourencinho em quem confiais tão pouco, e a quem desprezais tanto, passar-se-hiam boas cousas !

O DUQUE.

Enganas-te, amigo, sou tanto mais reconhecido áquelle que acabas de nomeiar pela fidelidade com que me defende, que, se o throno estivesse vago, tocaria a elle occupal-o.

LOURENCINHO.

Conservai-lhe sempre um lugar nos degrãos d'esse throno, para que se possa deitar aos pés de Vossa Alteza, e elle será tão largamente recompensado, senhor, que nunca terá a ambição de subir mais alto.

O DUQUE.

Lourencinho, escuta, é necessario que te diga : creio que es o unico verdadeiro amigo, que tenho.

LOURENCINHO.

Muito me apraz ser da vossa opinião, senhor.

O DUQUE.

E se eu fosse homem que me fiasse em alguém, só em ti descançara ; sim, mas para isso conviria que me servisses tanto em amor como em politica.

LOURENCINHO.

E se fosse assim ?

O DUQUE.

Serias um homem precioso, incomparavel, um homem que eu não trocara, ainda que me dessem Napoles em retribuição, pelo primeiro ministro de meu sogro o imperador Carlos Quinto, que, nada obstante, pretende ter os primeiros ministros do mundo.

LOURENCINHO.

E quem póde fazer crer a Vossa Alteza, que o sirvo mal em amor ?

O DUQUE.

Ah ! gaba-te ahi ! Já lá vão dous mezes que te encarreguei de descobrir-me a morada d'essa pequena Luiza, que me tem escapado, não sei como, e de quem estou rendido, não sei porque, e estás tão adiantado como no primeiro dia . . . . previno-te porem, que já lhe soltei á pista o meu melhor sabujo.

LOURENCINHO, ( *a si mesmo.* )

Ainda não vio Jeronimo.

O DUQUE.

Que estás a dizer ?

LOURENCINHO.

Por minha vida, digo-vos que sou um grande basbaque.



O DUQUE.

Tu ?

LOURENCINHO.

Pois que ! Ainda não vos dei noticia d'ella ?

O DUQUE.

Nem uma palavra a seu respeito, traidor.

LOURENCINHO.

Traidor não, mas esquecido que sou. Ha tres dias lhe descobri a habitação.

O DUQUE.

Ouve, Lourencinho ; á fé, que não sei o que me veda esmagar-te.

LOURENCINHO.

De vagar, senhor, esperai ao menos que vos diga onde mora.

O DUQUE.

E onde mora ella, carrasco ?

LOURENCINHO.

Na praça de S. Maria Velha, n.º 226.

O DUQUE.

Justamente defronte de Tcreza.

LOURENCINHO.

Oh ! meu Deos ! sim ; olhe lá, a noite passada Vossa Alteza bem podera, depois de

haver descido o muro, voltar a escada, e ganhar o seu balcão.

O DUQUE.

Estás bem certo do que me dizes ?

LOURENCINHO.

Perfeitamente.

O DUQUE.

Está bem. Esta noite mesma a farei raptar.

LOURENCINHO.

Ahi continuais, senhor, com os vossos modos mouriscos ; apre !

O DUQUE, *com rapida expressão de ameaça.*

Lourencinho !

LOURENCINHO.

Perdão, senhor ; mas tambem Vossa Alteza quer medir a todos pela mesma bitola. Convem differençar tambem entre as mulheres, e não atacar a todas da mesma maneira. D'ellas ha que se deixam raptar, e o acham bom ; mas ha outras, que querem ser tratadas com mais melindre, e merecem o trabalho da seducção.

O DUQUE.

Para que isso ?

LOURENCINHO.

Para que não tomem resoluções tão extraordinarias, como a filha d'esse pobre tecelão, de cujo nome me não lembro, a qual se lançou pela janella, quando entraveis pela porta. Com essas maneiras arrançais aos Florentinos gritos d'exasperação.

O DUQUE.

Gritem embora os teus Florentinos ! Eu os detesto.

LOURENCINHO.

Vamos ; ainda Vossa Alteza a cahir nos mesmos prejuizos contra o seu bom povo.

E DUQUE.

Miseraveis mercadros de seda, máos cardadores de lã, que têm improvisado brasões com as taboletas de suas lojas, e que se occupam em scismar difficuldades, em murmurar sobre o meu nascimento. . . . Acho-te ridiculo quando tomas o seu partido !

LOURENCINHO.

Ah ! sim, estou pago com isso, por certo.

O DUQUE.

Infames que me insultam todos os dias.

LOURENCINHO.

E a mim parece-me que, se vos atacam, me não poupam a pelle.

O DUQUE.

Logo, porque motivo tomas a peito o defendel-os ?

LOURENCINHO.

Porque não pleiteiam contra nós, Alteza... os vossos Florentinos são apenas fazedores de petições... Fazem-nas a todos, a Francisco primeiro, ao papa, ao imperador, e como tendes a honra de ser genro d'este ultimo, se lhe endereçassem uma carta sobre vossos amores, podia muito bem acontecer, que elle tomasse a peito a causa de sua filha D. Margarida de Austria, que começa a queixar-se altamente de ser assim abandonada depois de quinze mezes de casada.

O DUQUE.

Sabes, que tens razão n'esta parte, Lourencinho ?

LOURENCINHO.

Ah ! mea Deos !... eu sou o unico na corte que é rasoavel, e é por isso que me chamam louco.

O DUQUE.

Então seduzirás Luiza em meu lugar ?

LOURENCINHO.

Oh ! sim, ainda que só o fizesse para mudar de methodo.

O DUQUE.

Mas sabes que é nimiamente longo e fastidioso o que me propões ?

LOURENCINHO.

Nada. Talvez um negocio de sete ou oito dias. Oh ! tranquillisai-vos, senhor ; não pretendo desviar-vos muito de vosso costume.

O DUQUE.

E como te haverias com isso ? Vejamos.

LOURENCINHO.

Em primeiro lugar prendera a Strozzi, mandaria processal-o segundo as formulas ; depois. . . .

O DUQUE, *interrompendo-o.*

Meu caro, estás hoje, como o consul Fabio, para temporisações. Strozzi é proscripto. . . Strozzi entra em Florença. . . . Strozzi acha-se em contravenção ás leis, sua cabeça val dez mil florins. . . . trazem-n'a a meu thesoureiro ; este paga, e está tudo concluido. . . . Não hei mister occupar-me com outra cousa.

LOURENCINHO.

Ora eis ahi o que eu temia.

O DUQUE.

Porque ?

LOURENCINHO.

Porque assim perdeis tudo. . . . Luiza nun-

ca seria uma parricida ! Segundo a marcha que proponho, mandais prender a Strozzi, não é assim ? Fal-o-heis condemnar á morte, e bem me comprehendéis. A' fé, que uma filha terna não deixa morrer seu pai, quando com uma só palavra pode salvá-lo. . . . D'este modo todo o odioso cáe sobre os vossos juizes ; e vós pelo contrario, radiante e magestoso chegais para a catastrophe como o Jupiter das peças antigas. *Deus ex machina*. A prova é segura.

O DUQUE.

Sim ; porem é muito antiquada.

LOURENCINHO.

Oh ! não ponhais imaginação na tyrannia, Alteza. . . . Desde Phalaris, que inventara o famoso touro de bronze, só houve um grande engenho que deu innovações ao genero. . . . Foi o divino Nero. Bem ! Agora pergunto-vos, como o recompensou a posteridade ? Pelo testemunho de Tacito, pretenderam uns que elle era um louco, e pelo de Suetonio, disseram outros que era um animal selvagem. E quereis depois disso ser tyranno ?

O DUQUE.

Visto isso, juraste fazer-me praticar tudo a teu sabor ?

LOURENCINHO.

Bem sabeis que esta é a minha intenção, Alteza.

O DUQUE.

Pois bem ! Toma a teu cargo a direcção d'este negocio. Onde porem está Strozzi ? porque para prendel o, pelo menos é necessario que eu saiba, onde está.

LOURENCINHO.

Senhor ! A fallar a verdade, exigis muitas cousas simultaneamente. Elle entra esta noite, eu vol o previno esta manhã ; dai-me até meio dia para dizer-vos, onde convem prendel-o.

O DUQUE.

Dou-te o tempo que quizeres, com tanto que me não faças esperar de balde.

LOURENCINHO.

Bem ! Levantaremos a caça, Senhor, e se quereis ter o prazer de a levantar vós mesmo, alguem vos conduzirá a seu covil : deixai-me pôr mãos a obra.

O DUQUE.

Visto isto, responder-me-has por Strozzi ?

LOURENCINHO.

Como se o tivesseis preso, Senhor. Frecia ! ( *Entra um criado.* ) Não ha alguem nas antecamaras, nem nas escadas ? . . . . ( *sáe o criado.* )

O DUQUE.

Bem, bem, sempre as tuas precauções !

LOURENCINHO.

LOURENCINHO.

Um famulo fiel nunca as toma de sobejo,  
quando se trata da existencia de seu soberano.  
( *Ao criado que entra.* ) Então ?

O CRIADO.

Só havia um comediante.

LOURENCINHO.

E que queria ?

O CRIADO.

Desejava faliar-vos para que o admittissem  
entre os comediantes de Sua Alteza.

O DUQUE.

Bravo ! Se é bom, não convem faltar-lhe  
ao pedido.

LOURENCINHO.

Onde está elle ?

O CRIADO.

Fil-o entrar em uma das camaras do lado,  
para não se encontrar com Sua Alteza, quando  
descesse.

LOURENCINHO.

Podeis passar, Senhor, o caminho está  
livre.

O DUQUE.

Adeos, Lourencinho. . . . Se t'o não veda  
algum negocio importante, vem jantar comigo.



LOURENCINHO.

A's vossas ordens, Senhor.

O DUQUE.

Que fazes ?

LOURENCINHO.

Meu dever; acompanho a Vossa Alteza até o topo da escada.... Freccia, faze entrar este comediante para meu gabinete : já volto.

---

**SCENA IV.**

O CRIADO, *abrindo a porta lateral á esquerda do espectador.*

Por aqui, senhor, por aqui.

MIGUEL.

Sua Excellencia consente em receber-me ?

O CRIADO.

Sua Excellencia vos roga que o espere.

( *Sáe e deixa Miguel só.* )

---

**SCENA V.**

MIGUEL só, e olhando em redor de si.

Bem ! eis-me dentro. . . . mas isso é metade do negocio. . . . ser-me-ha perciso sahir.  
*( Vae a porta do fundo e a empurra de leve. )*  
 Por aqui ; nem pensar nisto, uma antecamara cheia de criados, e um porteiro no pateo !  
*( Indo à janella que está no primeiro plano á esquerda do espectador. )* Esta janella. . . .  
 Vinte pés de altura ! Se fora noite, tentaria descer por aqui ; porem de dia é muito arriscado.  
*( Indo ao gabinete por onde sahira Luiza. )*  
 Ah ! ah ! um gabinete ! uma escada. . . . Quando o demonio aqui estiver, esta escada deve conduzir-me fóra do palacio. . . . Mãos a obra !

**SCENA VI.**

MIGUEL, LOURENCINHO.

LOURENCINHO, *( entrando receioso. )*

Foste tu que procuraste por mim ?

MIGUEL, *( aproximando-se. )*

Sim, senhor.

LOURENCINHO, (*fazendo-lhe signal que se não approxime.*)

Esperai, amigo. Assento que as pessoas, que se não conhecem mais do que nós nos conhecemos, devem sempre fallar-se de alguma distancia.

MIGUEL.

Creia Vossa Excellencia que conheço a que nos separa ; não serei pois o primeiro a franqueal-a.

LOURENCINHO, (*sentando-se á esquerda, e brincando sem perder de vista a Miguel com uma pistola ricamente tauriada, a qual se acha na meza.*)

Como ! meu faceto, chegaste a crêr que tens engenho ?

MIGUEL.

Senhor, tanto me tem passado pela boca, principalmente depois que representei a vossa tragedia de Aridosio, que não seria de admirar, se me ficassem alguns trechos na ponta da lingua.

LOURENCINHO.

Advirto-te, meu caro, que o emprego de lisonjeiro é exercido aqui em dobro, ou em triplo ; logo, se o contavas estreiar, podes voltar por onde vieste.

MIGUEL.

Tranquillisai-vos, senhor. Conheço nimia-

mente o que devo a meus collegas cortezãos, e por isso não marcho pelas suas pisadas. O seu a seu dono ; eu represento os primeiros papeis, e deixo os de criados para quem os quiser.

LOURENCINHO.

Os primeiros papeis tragicos ou comicos ?

MIGUEL.

Tragicos, ou comicos ; isto é indifferente,

LOURENCINHO.

E quaes são os que já representaste ?

MIGUEL.

Na corte do bom papa Clemente setimo, que vos amava tanto, fiz de Callinaco na Madragore, e Benvenuto Cellini, que se achava n'essa representação, poderá contar-vos o applauso que recebi. Depois, em Veneza desempenhei o papel de Parabolano na Cortezãa, e, se Miguel Angelo tiver bastante coragem para entrar ainda em Florença, dir-vos-ha que quasi o faço morrer de riso, tanto que esteve tres dias doente do prazer que sentio nesse sarau. Em fim, em Ferrara representei na tragedia de Sophronisbo o caracter de tyranno, e com tanta naturalidade, que o principe Hercules d'Este me banio de seus estados na mesma noite, com o pretexto de haver eu procurado um successo de allusão, o qual se alcançou sem que me eu esforçasse, palavra de honra.

LOURENCINHO.

Ah ! certamente ; e, se fosse necessario crer-te, foras um artista de primeira ordem . . . .

MIGUEL.

Experimentai, senhor, e, se verdadeiramente quereis conhecer o meu prestimo, permitti que vos recite um fragmento de vossa tragedia da morte de Cezar, obra soberba, mas que infelizmente é quasi prohibida em todos os paizes, em que se falla a lingua em que está escripta.

LOURENCINHO.

E qual era o papel que tinhas escolhido nessa obra prima ?

MIGUEL.

Isso lá se pergunta ? . . . . O de Bruto.

LOURENCINHO.

Dizes isto com um tom que me faz crer que es um republicano estreme . . . . Serias por Bruto, por ventura ?

MIGUEL.

Não sou por Bruto, nem por Cezar, sou comediante, e é tudo quanto sou : vivam os bons papeis !

LOURENCINHO.

E que melhor papel para representar que o do nobre Julio, que remontã por seus avós, de um lado á mais bella deosa do Olympo, e de

outro a um dos maiores reis de Roma, que sendo na idade de vinte annos, edil, na de vinte e dous, consul, na de vinte e quatro, pretor, n'essa idade em que os outrostomavam apenas a toga viril, enchendo já o mundo com o ruido de seus amores, dava a Servilia uma perola de seis milhões de sestercios por uma hora de prazer, e a Cleopatra o reino do Egypto por uma noite de voluptuosidade ! Que papel mais bello que o do divino Cezar, o qual, depois de ter vencido trezentos povos em uma só guerra, e a Pompeio em uma só batalha, teve a ventura, justamente quando a fortuna ia deixar de ser sua escrava, de encontrar uma duzia de loucos como Bruto e Cassio para poupal-o aos revezes da fortuna, e ás enfermidades da velhice !

MIGUEL.

Vossa Excellencia pode ter bastante razão, mas falla como poeta, e eu calculo como comediante.... Com vossa licença insistirei no papel de Bruto.

LOURENCINHO.

Bem ! Vejamos, o que vás tu dizer-me ?

MIGUEL.

A grande scena do acto quinto.... quer Vossa Excellencia?

LOURENCINHO.

Aquella em cujo fim Bruto apunhala a Cezar ?

MIGUEL.

Justamente.

LOURENCINHO.

Vamos á grande scena.

MIGUEL.

Se Vossa Excellencia quer que desenvolva toda a minha habilidade, queira ter a bondade de me fazer as réplicas.

LOURENCINHO.

De bom grado, ainda que esteja esquecido das tragedias que tenho feito, pelo cuidado que emprego na que tenho entre mãos... Ah! para essa é que hei mister de um bom actor.

MIGUEL.

Pois bem! eis-me prompto... escutai me primeiro, e depois vereis para quanto presto.

LOURENCINHO.

Escuto.

MIGUEL.

Ah! estamos no vestibulo do senado; eis a estatua de Pompeo; vós sois Cezar, eu sou Bruto; caminhais para mim, e eu vos aguardo... Agrada-vos isto; senhor?

LOURENCINHO.

Perfeitamente.

MIGUEL, *tomando o seu capote.*

Agora esperai que tome a minha toga...

## BRUTO, CEZAR.

BRUTO,

Saúde, Cezar, ouves-me ?

CEZAR.

Profere.

BRUTO.

Aqui mesmo aguardar-te eu vim, ó Cezar.

CEZAR.

E' honra para mim um tal cliente.

BRUTO.

Tu t'enganas, em mim vês quem supplica.

CEZAR.

Quem supplica ?

BRUTO.

Tu sabes que os destinos  
 Por um principio duplo dominados,  
 Vêem que o mal e o bem partem seu curso :  
 Depois dos dias máos seguem-se os de ouro,  
 Qual segue a noite o dia, a luz a scmbra.  
 D'esta sorte o mortal co'avidio passo  
 Quer as raias transpor que os Deoses traçam.  
 Mas apenas affouto as ultrapassa,  
 Seja qual for seu genio, a accessa tocha,  
 Cuja luz infinita acreditara,  
 Expira em suas mãos subitamente,



E cego o deixa do caminho ás bordas.  
 No apogeo da ventura collocado  
 N'um abysmo cahir póde de golpe.  
 Ah ! dos Deoses em nome, attende ó Cezar,  
 Sim, attende que esse homem temerario  
 Co'essa tocha a extinguir-se es tu por certo.

CEZAR.

E' esta a lei commum, o Bruto, é esta.  
 O destino porem, eu t'o asseguro,  
 Sobre todos não tem igual dominio.  
 Qualquer a seu sabor, certo, bem póde  
 Sua scrte mudar ; eis porque fica  
 Este sempre no pó, se eleva aquelle !  
 Tudo vai em se ouvir a frase mystica  
 Que diz á serpe : Roja : e águia : Vôa.  
 Ora não é fallaz a voz que escuto ;  
 E me diz esta voz : ' Avante, ó Cezar,  
 O teu grande edificio uma fiáda  
 Ultima aguarda, e Cezar vê, descobre  
 Muito mais por fazer, do que fizera. '

BRUTO.

O que inda fazer mais pretende Cezar ?  
 Os Gaulezes submissios o respeitam,  
 Os Bretões são vencidos, e Carthago  
 Arrastando grilhões escrava brame.  
 Já da loba romana sob as garras  
 Verte o Egypto seu sangue, e o rico Euphrates  
 Sem ter dominio algum nas suas aguas  
 E' de nossos ginetes bebedouro.  
 Nada ousa resistir, tudo obedece.  
 Hoje implora mercê o revel de hontem.  
 Calculo, esp'rança, amor, ou medo, tudo  
 Se curva ás tuas leis ; tua aguia altiva,

As nuvens devassando com seu vôo  
 D'olhos fitos no sol domina o mundo !  
 Que te convem pois mais ? Que mais pretendes ?  
 Tu a quem de divino se appellida ?  
 Não basta ? castigar deves a Roma  
 Pois creando te fez mais do que homem.

CEZAR.

Roma, cujo advogado es tão zeloso,  
 Nunca fallou assim, ó Bruto, e o sabes.  
 És o orgão da nobreza, a quem molestam  
 Meu nome e a gloria minha ; ella se expressa  
 Com mais forte furor depois do dia,  
 Em que eu venci nos prainos da Pharsalia  
 O Titan, meu rival ; sim, n'esse dia  
 O mesmo golpe que a Pompeio ferira,  
 Malferio-a tambem. Aprove aos Deoses,  
 Bruto, o povo ser eu.

BRUTO.

Cala te, Cezar !  
 Paz e religião á grande victima,  
 Porque um dia os teus louros poderiam  
 Ser crime, zombeteiro não insultes  
 O que o seu vencedor na queda esmaga,  
 Spectro que avultar hade na historia  
 Para manchar-te a gloria com seu sangue.  
 Julgar hoje se deve o pleito vosso ;  
 Os Deoses foram teus, Catão por elle.

CEZAR.

Bruto parece que em seu odio eterno  
 Substituio o escravo á voz solemne,  
 Que do triumphador o carro segue,

E que, como elle, vem bradar a Cezar,  
Entre os transportes que arrebatam Roma :  
Lembra-te, Cezar, que es apenas homem.

BRUTO.

Não, Cezar é um Deos, se elle aos Romanos  
O thesouro que ás mãos lhe deposeram  
Entregar todo intacto ; se a este aviso  
Os ouvidos cerrar, e trahir Roma,  
Deixa então de ser Deos, é menos que homem,  
Um tyranno, e não mais. Quando a vistares  
A mim ás tuas plantas, quando ouvires  
Que te brado em voz forte, em voz suprema :  
' Piedade p'ra Roma, e p'ra ti mesmo ! ' . . . .  
Mudarás de projecto. . . . ó furia, ó sanha  
Não me respondes. . . .

CEZAR, *repellindo a Bruto.*

Lugar a teu monarcha !

BRUTO.

Pois bem ! morre tyranno ! . . . .  
( *Miguel ata o gesto ás palavras, tira um punhal do peito, e fere Lourencinho ; mas o punhal resvala pela cota de malhas d'este, a qual está debaixo da roupa. )*

MIGUEL, *recuando.*

Ah ! demonio ! está encouraçado ! *Lourencinho a seu turno arroja-se sobre Miguel, luta com elle alguns momentos, e o prostra. Na luta cõe o punhal das mãos de Miguel. Lourencinho o apanha, e erguendo-o sobre elle, que tem ás suas plantas, desata a rir. Ah ! parece-me que trocaram-se os papeis, e que Cezar é quem vai matar a Bruto.*

MIGUEL, *com voz sumida.*

Duque Alexandre agradece a Deos.

LOURENCINHO, *afastando o punhal que já tinha proximo ao pescoço de Miguel.*

Vamos! o que estás dizendo?

MIGUEL.

Nada.

LOURENCINHO.

Não, não, disseste alguma cousa.

MIGUEL.

Digo que o céo não quer que Florença seja livre, porque faz de ti um escudo em favor do duque Alexandre.

LOURENCINHO.

Ah! entendamos-nos: querias matar o duque Alexandre?

MIGUEL.

Sim.

LOURENCINHO.

Por ventura terias motivo de odio contra elle?

MIGUEL.

Mortal!

LOURENCINHO.

Ora, eis ahi mudada completamente a face das cousas ! levanta-te, meu amigo, assenta-te, e conta-me lá esse negocio.

MIGUEL, *levantando-se.*

Lourencinho, não zombes de mim.... quiz matar-te ; não o consegui.... es o mais forte.... chama os teus criados, envia-me á forca, e acabe-se tudo.

LOURENCINHO.

Ah ! certamente ; mas pareces-me ridiculo pela voz imperiosa com que aqui me fallas.... e se eu tivesse o capricho de te deixar viver.... quem m'o vedaria ?

MIGUEL.

Deixar-me viver ? ! tu me poderias deixar viver, Lourencinho !

LOURENCINHO.

Talvez.

MIGUEL.

Escuta.... nada mais comprehendo.... ajuda-me.... porque minha cabeça se perde ! Se isto é escarneo.... é horroroso ! .... Então dar-me-hias a vida.... restituir-me-hias á liberdade.... sem condições....

LOURENCINHO.

Demora-te, não digo isso.

MIGUEL.

E quaes são essas condições ?

LOURENCINHO.

Conta-me a tua historia primeiro, e depois veremos.

MIGUEL.

Olha bem para mim, Lourencinho, não me conheces ?

LOURENCINHO.

Sim, conheço-te por te haver visto orar diante da Imagem da Virgem, em quanto eu falava hontem com Strozzi.

MIGUEL.

Antes d'isso, não te lembras, que já me vistes ?

LOURENCINHO.

Espera ; quanto mais te observo. . . . mais me pareces Scoroncocolo, o antigo caturra do duque.

MIGUEL.

Eu mesmo.

LOURENCINHO.

Oh ! então somos conhecidos.

MIGUEL.

Ah ! sim.

LOURENCINHO.

Como porem de bobo te fizeste esbirro ?  
Parece-me que é melhor divertir os homens que  
matal-os.

MIGUEL.

Foi esse um negocio que se operou em  
quanto estaveis em Roma.

LOURENCINHO.

Ora, conta-me essa historia.

MIGUEL.

Nunca amaste, Lourencinho ?

LOURENCINHO.

Nunca.

MIGUEL.

Pois eu. . . . eu amava ! Oh ! tu não sabes  
o que é estar solitario, infamado, despresado,  
como um malaventurado bobo, que o principe,  
quando está aborrecido, arrója a seus cortezãos  
com o pé, para tambem se divertirem. . . . não  
sabes o que é deixar de ser homem para vir a  
ser uma cousa que ri, que chora, que faz ca-  
rantonhas. . . . sinneta em que qualquer tira o  
som que lhe convem. . . . boneco com que to-  
dos brincam. . . . Pois eu, eu era tudo isso. . . .  
Bem ! n'esse sombrio aviltamento, na cerra-  
ção d'essas trevas. . . . vi brilhar um dia  
um raio de sol. Amou-me uma virgem. Oh !  
era uma virgem bella, pura e risonha ; o lirio  
mais casto não era mais alvo que sua fronte,

uma folha arrancada ao coração de uma rosa não era mais fresca que sua face. Ella amou-me, a mim. . . . comprehendeis bem, a mim pobre bobo, pobre coração solitario, pobre cabeça vã. . . . concebi logo esperanças de outro homem. . . . Sonhei a imbriguez do amor, comprehendia as delicias de familia. . . . adivinhei todas essas venturas que invejava nos outros, mas a que ja tinha renunciado. Fui ter com o duque, suppliquei-lhe a permissão de casar-me; desatou a rir. Casar-te, bradou elle, casar-te! Estás completamente doido, meu pobre caturra. . . . Não sabes o que é o casamento! Depois do meu, não tens observado, que encontras maior difficuldade em divertir-me? Casamento! Logo que te casasses, meu pobre Miguel, como eu, te tornarias triste, pesado, rabujento. . . . Apenas foras casado não me farias mais rir. Adiante, adiante, caturra, basta d'este assumpto. . . . ou pela primeira vez que me tocares n'isso, mandarei dar-te vinte chibatadas. . . . No dia seguinte fallei-lhe de novo. . . . então fui açoitado por Jeronimo e Pedro até verter sangue. No outro dia ainda lhe fallei, esperando que por fim cederia ás minhas supplicas. Ameaçou-me logo de me matar em açoitotes. Oh! meu Deos! porque o não fez elle! . . . de repente porem reflectio. . . . Vamos, diz elle, pobre Scoroncocolo, está doente, convem cural-o. . . . Perguntou-me onde morava aquella que eu amava, como se chamava. . . . qual era sua familia. . . . persuadi-me que consentia em minha ventura; lancei-me a seus pés, beijei a terra em que pisava. . . . disse-lhe tudo. . . . corri depois á casa de Nella para nos



felicitarmos. A' noite houve orgia em palacio.... Foi na camara verde.... Achavam-se lá o duque, Francisco Guicciardini, Alexandre Vitelli.... André Saviati.... e eu.... eu era de todas as festas !.... Quando estavam escandecidos pelos ditos, pela musica, pelo vinho, arrojaram ao meio d'elles uma virgem. Esta virgem, esta martyr, era Nella.... ( *Debulhando-se em lagrimas.* ) Oh ! Oh ! ( *lançando-se de repente aos pés de Lourencinho* ) deixa-me viver, deixa-me viver ! Vingue-me eu, e depois, palavra de honra, quando estiver vingado, quando tiver esganado o tigre, virei deitar-me a vossos pés.... apresentar-vos hei o pescoço, e vos direi : Agora, Lourencinho, agora, a tua vez ; vingate de mim, como me vinguei d'elle.

LOURENCINHO, encarando-o.

Ainda não é tudo, Miguel.

MIGUEL.

Que quereis que vos diga. Fugi arrebatadamente como um louco ; corri o mais que pude até traspôr as fronteiras da Toscana.... Encontrei em Bolonha Filippe Strozzi; sabia que elle era um dos figadaes inimigos do duque; puz-me a seu serviço com esta condição, que apenas chegassemos a Florença, seria eu que havia de ferir. Entramos hontem á noite depois de dous annos de espera.... Quando passava diante do Convento da S. Cruz, levavam d'ahi o cadaver de Nella.... morta de vergonha e de dôr !.... Meu Deos !.... sabeis tudo ; que me perguntais ainda ? tende piedade : não vedes

que choro como uma criança, e não sabeis que ha lembranças mais terriveis que a realidade ?

LOURENCINHO, *baixo*.

Eis o homem que procuro. . . . ( *alto* ) Ora vamos, dize-me cá, Miguel, se em lugar de chamar os meus criados, e de te fazer conduzir ao chefe dos archeiros, te concedesse a vida, te desse a liberdade com uma só condição. . . .

MIGUEL.

Acceito-a sem saber qual seja ; assigno-a com o meu sangue, garanto-a com a minha vida.

LOURENCINHO.

Miguel, tambem eu tenho que vingar-me de alguem.

MIGUEL.

Oh ! a vós é isso facillimo.

LOURENCINHO.

Ora vê como te enganas : esse alguem é um dos maiores familiares do duque ; é um d'aquelles que nomeaste, um dos que estavam n'essa orgia em que Nella. . . .

MIGUEL.

Estou a teu dispor, Lourencinho, e se te mes que me esquive, e se receias que fuja, fecha-me, encerra-me em alguma prisão, em alguma masmorra de que só tu tenhas a chave ; faze-me sahir somente para ferir o teu inimigo. . . . deixas-me o duque depois, não é assim ?

LOURENCINHO.

Quem me responderá pela tua fidelidade ?

MIGUEL.

Pela salvação de Nella, Lourencinho, juro pertencer-te em corpo e alma, como o condemnado ao demonio. Agora, que devo fazer ?

LOURENCINHO.

Volta a Strozzi, que deve esperar-te com impaciencia ; dize-lhe que foi impossivel chegar até a mim, e eis porque me não mataste hoje, ámanhã fal-c-has.

MIGUEL.

E depois ?

LOURENCINHO.

Farás o que quizeres, com tanto que estejas esta noite das onze até uma hora da manhã na via Larga. E' tudo o que exijo.

MIGUEL.

Mandar-me-heis ahi alguem !

LOURENCINHO.

Eu mesmo irei ter contigo.

MIGUEL.

E' tudo quanto me ordenais ?

LOURENCINHO.

Sim, vai. . . . ( *Miguel dá alguns passos para sahir.* ) A proposito, talvez não tenhas

dinheiro. ( *apresenta-lhe a bolça.* ) Toma, eis a minha bolça.

MIGUEL, ( *observando-a com desprezo.* )

Agradecido ; não careço d'ella.

LOURENCINHO.

Na via Larga ; entendes ?

MIGUEL.

Na via Larga, está justo. Senhor, ainda uma vez, contai comigo.

LOURENCINHO.

A' fé, que sim.

---

## SCENA VII.

LOURENCINHO, só, *sentado e escrevendo.*

' Philippe Strozzi está no convento de S. Marcos na cella de frei Leonardo. ' ( *Toca a campainha, entra o criado.* ) Leva da minha parte, Freccia, esta carta ao duque Alexandre, e só em sua mão a entrega.

O CRIADO.

Obedeço, Senhor.

LOURENCINHO, *entrando na camara á esquerda do espectador.*

Obrigado Strozzi, enviaste-me o homem com quem só podia contar. . . . Agora mãos a obra .

**Fim do Acto Segundo.**

LOURENÇIANO, ENTÃO EM COMISSÃO DE EXPEDIENTE DA DE ESPERANÇA.

Obrigado Sr. Excmo. goste-se-me o homem com quem se podia contar. Agora mais a obra.

Fim do 3.º e último.

## **ACTO III.**

---

### **Personagens.**

**LOURENCINHO.**

**O DUQUE ALEXANDRE.**

**STROZZI.**

**FREI LEONARDO.**

**JERONIMO.**

**PEDRO.**

**LUIZA.**

OLD WORLD

REPRODUCTION

BY THE AUTHOR

O. B. ALEXANDER

ST. LOUIS

THE UNIVERSITY

OF MISSOURI

1910

U.S.A.



## ACTO 3.º

A cella de Frei Leonardo no convento de S. Marcos. Uma porta no fundo, e outra lateral á direita do espectador. A esquerda no primeiro plano, um genuflexorio, no segundo plano, uma janella; a cima da porta no fundo uma corôa da Virgem de Beato-Angelo.

---

### SCENA I.

FILIPPE STROZZI, FREI LEONARDO, *immovel, com o cotovelo no genuflexorio.*

STROZZI, *agitado e percorrendo a scena.*

Não, meu padre, é inutil; digo-vos, que nunca a verei.

FREI LEONARDO.

E eu te digo, Strozzi, que ella é sempre uma filha casta e nobre, sobre a qual a vista de um pai pode deter-se não só com amor, se não com orgulho.

STROZZI.

Porem digo-vos, que ella o ama. . . digo-vos que o vi sahir de sua casa a uma hora da madrugada, e que elle é um miseravel.

FREI LEONARDO.

Sim, ella o ama, porem o seu amor é puro e quasi fraterno.

STROZZI.

O amor de um Lourencinho um amor puro e fraterno! E sois vós quem m'c diz, meu padre, vós acostumado a ler no âmago do coração; sois vós quem em minha presença toma a defeza d'esse infame!

FREI LEONARDO.

Sim, meu filho, como o disseste, a humanidade tem poucos segredos para nós. Ha poucas almas que eu não tenha sondado, pouco d'esses golphos sombrios em que se agitam as paixões humanas de que eu não tenha medido a profundidade. Ora pois, dir-t'ó-hei, Strozzi? Lourencinho é um d'aquelles, cujo pensamento me tem sempre sido desconhecido. Nada obstante tenho o seguido com a vista mais do que os outros, porque, bem o sabes, longo tempo repousou n'elle a nossa esperança. Pois bem! quanto mais tenho estudo esse homem, menos tenho penetrado no abysmo de seu coração: desde que voltou de Roma, e ha dous annos, que isso foi, tem-se tornado impenetravel a todos, mesmo a nossos olhos, porque ha dous annos que nem uma só vez se tem aproximado do tribunal da penitencia. Oh! quem pela primeira vez ouvir a confissão d'esse homem. . . .

STROZZI, *com voz taciturna.*

E se elle morresse sem confissão, meu padre!

FREI LEONARDO.

Não importa ! não importa ; eu t'ó digo, Strozzi, tudo não se perdeu para com esse homem, porque elle ama : o amor é tambem uma crença, e o coração, onde ha amor não está de todo despegado de Deos.

STROZZI.

Bem desgraçado me considero por haver esse homem amado Luiza, e Luiza lhe ter correspondido !

FREI LEONARDO.

E este amor, Strozzi, não lhe imposeste outrora como um dever ?

STROZZI.

Sim ; elle me havia enganado como os outros... sim, fui eu, cego que era, que disse a minha filha : Ama-o, Luiza ; um dia elle te fará nobre, feliz, e honrada. A primeira falta é pois minha, só eu sou o culpado. Oh ! meu Deos ! castigai a mim somente !

FREI LEONARDO.

Ora pois. Em vez de accusares o céo, dalle graças : porque ella abandonada como estava, julgando obedecer ao amor paterno, amou como mulher, e conservou-se pura como um anjo.

STROZZI.

Oh ! se eu o pudesse crer.

FREI LEONARDO.

Crê, pois que t'ó affirmo.

STROZZI.

E porque não vem ella mesma dizer-me  
isso? Oh! meu Deos! parece-me que se fosse  
ella, que m'ó dissesse, eu não dauidaria.

FREI LEONARDO, *mostrando-lhe a porta da  
outra camara.*

Ei-la acolá!

STROZZI.

Ella está allí, e não me dizieis, meu padre!

FREI LEONARDO.

Vós ameaçaveis...

STROZZI.

Oh! é verdade! não sabeis, não podeis  
saber o que é um pai que ama. Luiza...  
Luiza...

**SCENA II.**

**OS MESMOS, LUIZA.**

LUIZA, *lançando-se nos braços de Strozzi.*

Meu pai !

STROZZI.

Luiza, Luiza ! minha querida filha, será verdade que te posso apertar ainda ao meu coração, que te posso oscular ainda a fronte, que te posso dizer : Olha para mim, e que me poderás encarar seu pejo !

LUIZA.

Ainda, meu pai, ainda.

FREI LEONARDO.

Adeos, Strozzi.

STROZZI.

Deixais-nos !

FREI LEONARDO.

A felicidade passa tão rapido nesta vida, que quando um homem é feliz, bom é ter junto a si quem por elle ore.

LUIZA, *beijando-lhe a mão.*

Agradecido, meu padre, porque graças a vós, não desesperei.

**SCENA III.**

LUIZA, STROZZI,

STROZZI, *sentando-se, e mandando que  
Luiza se assente ao pé delle.*

Vem cá, minha filha, vem.

LUIZA.

Meu Deos! meu pai! quanto deverieis padecer, se é verdade que duvidasteis de mim!

STROZZI.

Oh! sim, muito padeci, porque nunca saberás quanto te amo. Ha trez annos que deixei Florença, e só tenho podido ter noticias tuas d'espazo a espazo, e crê que em todo esse tempo nunca te perdi da lembrança. Tu, e Florença, eis os meus unicos amores, e Deos me perdôe, creio que de vós ambas, pobres oppressas, ella minha mãe, e tu minha filha, tu é que tens a preferencia em meu amor.

LUIZA.

Meus irmãos estavam com vosco, meu pai, e eu folgava com a ideia de que vos consolavam.

STOZZI.

Teus irmãos são homens fortes, feitos para lutar, e soffrer. Teu pai deve os seus filhos á patria.... mas parece-me que uma filha pertence mais estreitamente a seu pai. Uma filha é o anjo do lar christão, é a estatua do amor vir-

ginal que substituiu os antigos penates. Assim julga do que tenho padecido, minha filha, quando attentava nos perigos que te ameaçavam n'esta desditosa cidade, e quando considerava a minha insufficiencia para proteger-te. E tu, minha filha, o que fizeste em todo esse tempo ?

LUIZA.

Todo esse tempo escoou-se entre a supplica e o amor, meu pai. Tenho orado por vós, e amado a Lourencinho !

STROZZI.

Logo é certo o teu amor para com esse homem ?

LUIZA.

Deverei ter segredos para vós, meu pai ?

STROZZI.

E o amas tu ?

LUIZA.

Aino-o extremosamente ; se o perdesse, como poderia Deus mesmo substituil-o em meu coração !

STROZZI.

E nada obstante, Luiza, sabes quem é este homem, a quem amas.

LUIZA.

Sei quanto dizem d'elle ; porem para mim, meu pai, elle é sempre Lourenço.

STROZZI.

Como pode elle mudar para todos, e ser o mesmo para ti ?

LUIZA.

Não vejo, nem conheço o mundo ; porem vejo e conheço a Lourenço.

STROZZI.

Ninguem sabe do vosso amor, não é assim?

LUIZA.

Ninguem.

STROZZI.

E onde, e como o vês?

LUIZA.

Onde o vejo ? Na pequena casa da praça de S. Maria Velha. . . . Ora disfarçado de um modo, ora de outro, porem sempre mascarado. . . . Necessariamente deve haver em sua vida algum segredo extraordinario que eu ignoro. Ora está contente e satisfeito, ora sombrio e abatido ; umas vezes ri como um menino, outras chora como uma mulher ; e eu fico triste eu alegre conforme as disposições em que o vejo.

STROZZI.

E do casamento contratado entre vós, falla-te ainda ?



LUIZA.

Oh ! sim, sim, muitas vezes ; e então se enthusiasma, então falla de futuro, de poder, de corôa, e só o comprehendo quando se cála, porque nelle tudo é mysterio, meu pai.

STROZZI.

E não te tem assustado esse mysterio ?

LUIZA.

Não, porque sinto que me ama muito, e que por tanto nada tenho a temer. E' elle que me guarda, e não eu : é elle quem cusa depôr apenas um osculo de irmão na minna fronte, com receio, diz elle, de roubar á bella menina uma unica flor de sua corôa de espcsa.... Se alguma cousa sou a elle o devo.

STROZZI, *com uma especie de terror.*

Minha filha !... minha filha!...

LUIZA.

Tranquillisai-vos, meu pai ; não é Louren-  
cinho a quem deveis temer.

STROZZI.

Sim, é verdade, tu me fazes lembrar que outro perigo te ameaça ainda.... Sim, sei que foste obrigada a deixar a casa de minha irmãa para fugires ás investigações do duque Alexandre ; ama-te esse miseravel ?

LUIZA.

Ningem m'ò disse ainda, porem muitas

vezes tenho sido seguida por homens mascarados, e tenho sentido pelo bater de meu coração, que corria algum perigo.

STROZZI.

Ignora elle onde habitas ?

LUIZA.

Já o sabe ha algumas horas.

STROZZI.

Meu Deos !

LUIZA.

Juro-vos que ao principio me atterrei, mas Lourenço me disse que nada havia que temer, e então me tranquillisei.

STROZZI.

Lourenço ! Viste-o acaso, Luiza ?

LUIZA.

Esta manhãa.

STROZZI.

Disse-te elle que eu o vira esta noite ?

LUIZA.

Sim.

STROZZI.

Fallou-te elle da proposição, que lhe fiz.

LUIZA.

Sim.

STROZZI.

Disse te que a recusou ?

LUIZA.

Sim, disse-me tudo isso.

STROZZI.

E que julgaste então ?

LUIZA.

Ea o lamento.

STROZZI.

Porque ?

LUIZA.

Porque sei que deve se ter affligido muito.

STROZZI.

Oh ! devias correr-te de tua cegueira.

LUIZA.

Não, meu pai, ufano-me com minha confiança.

STROZZI.

E onde o viste ?

LUIZA.

Em sua casa.

STROZZI.

Estiveste em sua casa ?

LUIZA.

Julgava o perigo eminente, tinha sido seguida por um agente do duque. . . . vós ainda me não tinheis permittido ver-vos. . . . carecia de conselhos. . . .

STROZZI.

E foste a primeira que lhe fallaste em mim ?

LUIZA.

Não, elle foi o primeiro que me fallou em vós.

STROZZI.

Elle ignora onde estou, não é assim ?

LUIZA,

Perdoai-me, meu pai, elle o sabe.

STROZZI.

Quem lh'o disse ?

LUIZA.

Eu.

STROZZI.

Malventurada!. . . . tu me perdes, e te perdes comigo.

LUIZA.

Oh ! meu Deos ! meu pai, como podeis suppor. . . .

STROZZI.

E tu, joven infeliz, como podes ser credula e cega a tal ponto? A esta hora, Luiza, o duque Alexandre sabe tudo; a esta hora, eu, tu, e meus amigos estamos todos em seu poder; e é o teu louco amor, é a tua confiança insensata que nos perderá!.... Desgraçada criança, Deos te perdôe, como eu te perdôo; e que fizeste lá?

LUIZA.

Como podeis suppor semelhantes infamias? Como podeis crer que Lourenço.... ( *Batem na porta do Convento.* )

STROZZI.

Escuta!

LUIZA.

Que!.... ah!.... vós me fazeis tremer!

STROZZI.

Batem na porta do Convento, estás ouvindo? ( *elle chega-se a janella.* )

LUIZA.

O que é! o que é!

STROZZI, *levando-a á janella.*

O que é! vê, e duvida ainda.

LUIZA.

Esbirros!.... soldados.... o duque!....

Meu pai, meu pai, matai-me !... Mas não ;  
é impossível... serieis trahido !

STROZZI.

Sim, fai, e o que é mais horroroso é que  
o fui por minha filha !

LUIZA.

Esperai, esperai, não nos condemneis as-  
sim !

---

#### SCENA IV.

OS MESMOS, FREI LEONARDO, *na*  
*porta do fundo.*

FREI LEONARDO.

Filippe Strozzi, estás prompto para o  
martyrio ?

STROZZI.

Estou.

FREI LEONARDO.

Pois ahi estão os carrascos !

---

SCENA V.

OS MESMOS, O DUQUE, PEDRO,  
JERONIMO.

O DUQUE, *no bastidor.*

Fica tu a esta porta ; Pedro ! Jeronimo !  
seguí-me ambos.

LUIZA.

Meu pai, não ha algum caminho por onde  
possais fugir ?

STROZZI.

Houvesse cem, eu não recuaria um passo ;  
elle que venha, aqui o aguardo.

O DUQUE, *no limiar da porta.*

Ah ! ah ! disseram-me a verdade ! O lobo  
está pilhado !

FREI LEONARDO, *pondo-se entre o duque  
e Strozzi.*

Quem es, que queres ?

O DUQUE.

Quem sou.... sou um piedoso peregrino,  
que visita, como vês, as casas do Senhor para  
recompensar e punir conforme seus meritos os  
que em seu orgulho se julgam acima de toda a  
recompensa, e de toda a punição.... O que  
quero.... quero que me dês passagem !....  
( *Estendendo o braço a Strozzi* ) que tenho  
que fallar a este homem.

FREI LEONARDO.

Este homem é hospede do Senhor. . . . este homem é sagrado, e só se chega a elle por cima do meu cadaver.

O DUQUE.

Pois bem ! chegar-se-ha. . . . crês que aquella que para subir ao throno, passou pelo cadaver de uma cidade, se deterá com medo de calcar aos pés o de um miseravel monge ?

PEDRO, *aproximando-se e em voz baixa.*

Alteza, quereis. . . .

O DUQUE.

Espera ! sempre andas apressado.

LUIZA.

Meu Deos ! meu pai.

STROZZI.

Tranquillisa-te, Luiza.

O DUQUE.

Vamos, passagem ao teu duque.

FREI LEONARDO.

Meu duque ! não conheço este nome. . . . sei o que é um gonfanoleiro. . . . conheço a republica florentina. . . . mas não conheço o duque, nem sei o que é um ducado.



O DUQUE.

Então, passagem ao teu senhor!

FREI LEONARDO.

Meu Senhor é Deos! . . . . não tenho outro senhor, senão aquelle que está no céo; e ao passo que ouço a tua voz que me diz: Afastate! escuto a sua que me brada: Fica.

PEDRO.

Então Alteza. . . .

O DUQUE, *batendo com o pé.*

Espera! quando sou paciente, sel-o também; bem vês que não quero amedrontar esta donzella. (*A fé Leonardo.*) Ora pois, monge, já que não conheces duque, nem senhor, passagem ao mais forte! (*Jeronimo e Pedro agarram o monge, cada um por um braço.*)

STROZZI.

Duque Alexandre, julgava que tinhas bastantes chancelleres, muitos chefes de archeiros, numerosos guardas, para não fazeres de esbirro. . . . estava enganado.

O DUQUE.

E avalias em pouco o prazer de encontrar face a face um inimigo. . . . um inimigo a quem se não vê ha trez annos, e a quem não se esperava mais ver? Tomas-me por um d'aquelles, que a noite percorrem a cidade, e de dia escondem-se em um covil, e que aguardam paci-

entes e traçoeiros a hora de estender o braço na sombra, e ferir pelas costas?... Não, eu marcho á luz do sol, e venho dizer-te ao pino do dia: Strozzi, jogamos um contra o outro uma terrível partida, cujo abono era a vida; tu a perdeste, paga.

STROZZI.

Sim, e eu admiro ao mesmo tempo a prudencia do jogador, que vem reclamar a sua vida tão bem acompanhado.

O DUQUE.

Crês que temo por ventura? Crês que te não procurára, onde julgára encontrar-te? Oh! erras grosseiramente, se me tomas por qualquer outro, Strozzi.... Pedro, Jeronimo, sahi, fechai immediatamente a porta: seja o que for que oucais, não venhais sem que vos eu chame.

JERONIMO.

Senhor....

PEDRO.

Todavia.

O DUQUE.

Obedecei!.... ( *Elles soltam frei Leonardo que vai ao genuflexorio, saem, e fecham a porta.* ) Agora, Strozzi, agora, eis-me só contra dous.... Nem um, nem outro estais armados: oh! na verdade, tenho uma espada, e um punhal. Esperai.... Vê, Strozzi. ( *arro-*

*ja a espada para traz.* ) Lanço fóra esta espada, e offereço-te este punhal. Eia, velho Romano. Não ha na antiguidade um Virgínio que mata sua filha, e um Bruto que mata seu rei? Vamos, escolhe entre os dous.... fere.... immortaliza-te.... Eia! fere! que arriscas n'isso? vejamos.... nem mesmo a tua cabeça.... bem o sabes, ella é já do carrasco. E a ti, monge, quem te detem? Levanta esta espada, e vem ferir-me pelas costas.... se é que temes ferir-me de frente.

FREI LEONARDO.

O meu Deos prohibe a seus ministros o derramar sangue.... Crê-me, duque Alexandre, a não ser isso nunca deixára eu a causa da patria a outro braço; ha muito que foras morto, e Florença livre.

O DUQUE.

Então, Strozzi, ainda crês que temo?

LUIZA.

Não, senhor, não.... sabemos que sois bravo.... Pois bem! sêde tão bom como corajoso.

STROZZI.

Cala te, minha filha. Parece-me que supplicas. (*O duque embainha o punhal, e vai levantar a espada.* )

LUIZA.

Meu pai, deixai-me.... Deos dará vigor

ás minhas palavras ! ( *Ella vai inclinar-se* )  
Senhor....

FREI LEONARDO, *erguendo-a precipitado.*

Levanta-te bella virgem !... Nada de contacto entre a innocencia e o crime ! nada de pacto entre o anjo e o demonio ! levanta-te!

O DUQUE.

Não tens razão, monge,... tão bella estava assim, que ia esquecer a minha colera para me lembrar só de meu amor.

STROZZI, *tomando-a pelos braços.*

Minha filha ! minha filha !

FREI LEONARDO.

Oh ! meu Deos ! meu Deos ! se vês semelhantes cousas sem desfechares um raio, direi... ( *ajoelhando* ) direi que a tua misericordia é maior que a tua justiça !

O DUQUE, *olhando para ambos.*

Jeronimo ! Pedro !... ( *entram estes.* )

PEDRO.

Alteza, ás vossas ordens.

O DUQUE.

Estes dous homens aos guardas ; conduzam-n'os ao chefe dos archeiros.... ( *Levam frei Leonardo.* )

LUIZA.

Senhor ! senhor ! em nome do céo não separeis o pai de sua filha, não arranqueis o sacerdote a seu Deos !

STROZZI.

Silencio, e espera ! nem uma palavra, nem mais um passo, ou eu te amaldiçôo.

LUIZA, *de joelhos.*

Ah !

STROZZI.

Adeos, minha filha. . . . Só Deos agora velará sobre ti ; não esqueças porem que Lcurencinho é quem me mata.

LUIZA.

Meu pai, meu pai !

STROZZI.

Adeos. . . . (*sáe* )

LUIZA, *sempre de joelhos.*

Senhor ! senhor ! nada posso para salvar meu pai ?

O DUQUE, *chegando-se a ella.*

Por certo, menina, porque só tu podes alguma cousa para salvá-o.

LUIZA.

E que convem que eu faça, meu Deos ?

O DUQUE.

Lourencinho t'ó dirá.

---

**SCENA VI.**LUIZA *só, e levantando-se.*

Lourencinho.... Lourencinho.... Repetir-me-hão este nome como uma accusação eterna! Meu Deos, dai me força para não duvidar d'elle.... Meu Deos.... tende piedade de mim!

---

**SCENA VII.**

LUIZA, LOURENCINHO.

LOURENCINHO, *abrindo a porta lateral, e ficando arrimado á parede!*

Pobre innocente!

LUIZA, *voltando se.*

Lourencinho es o enviado de Deos.... não sabes o que se acaba de passar?

LOURENCINHO.

Sei, porque vim com o duque, e estava alli.

LUIZA.

E não vieste socorrer-nos !

LOURENCINHO.

Perder-me-hia sem vos salvar.

LUIZA.

Ha momentos em que a tua calma me altera mais do que o faria o teu desespero.

LOURENCINHO.

A calma constitue a força d'aquelle que é só contra todos.

LUIZA.

Não sabes o que me disse meu pai ?

LOURENCINHO.

Que te disse elle ?

LUIZA.

E' bem horroroso !. . . . Que foras tu quem o denunciara ao duque !

LOURENCINHO.

Disse-te a verdade.

LUIZA.

Lourencinho, ás vezes es bem cruel ! Queres matar me ? E' esse o momento de gracejar ?

LOURENCINHO.

Eu não gracejo nunca, Luiza.

LUIZA.

Foste... foste acaso tu quem fez prender meu pai ?

LOURENCINHO.

Sim.

LUIZA, *recuando.*

Meu Deos ! meu Deos !

LOURENCINHO.

Luiza !

LUIZA, *a tremer.*

Que é ?

LOURENCINHO.

E' isto o que me prometteste ?... Assim guardas o juramento que me déste ?

LUIZA.

E posso não duvidar quando me dizes cousas tão terriveis ?

LOURENCINHO.

A hora da luta é chegada, fraquejarás ?

LUIZA.

Se de mim só se tratasse, nunca ! nunca ! mas trata-se de meu pai... de meu pai, cujo segredo não soube guardar ! de meu pai a quem perdi !



LOURENCINHO.

Preso teu pai, segue-se um processo : são dous ou tres dias ganhos, pelo menos vinte quatro horas ! As vezes é uma eternidade ! Quanto foi preciso para matar Caetano Saccetti, e para envenenar Dante de Castiglione? um segundo.

LUIZA.

E o que se póde passar em vinte quatro horas, que mude a face das cousas ?

LOURENCINHO.

E' o que só Deos e eu sabemos.

LUIZA.

E julgas salvar meu pai neste espaço ?

LOURENCINHO.

Pelo sangue do homem Deos, que morreo morte de Cruz !. . . . Em oito dias serás minha mulher, Luiza, e Philippe Strozzi livre e alegre abençoará o nosso casamento. Crês-me agora ?

LUIZA.

Sim, Lourenço.

LOURENCINHO.

Convem provar-m'o.

LUIZA.

Como ?

LOURENCINHO.

Comprindo cegamente as minhas ordens.

LUIZA.

Ordena, eu obedeço.

LOURENCINHO.

A's cinco horas deves ir á casa do duque.

LUIZA.

A' casa do duque ?

LOURENCINHO.

Ainda....

LUIZA.

Irei.

LOURENCINHO.

Bem !

LUIZA.

Que lhe direi eu ?

LOURENCINHO.

Pedir-lhe-has a permissão de ver teu pai.

LUIZA.

E se o duque pozer a esta mercê....

LOURENCINHO.

Nada temas, eu estarei lá.

LUIZA.

Irei, irei, Lourenço. E' isto só ?

LOURENCINHO.

Escuta. Não posso ir ver-te esta noite á praça de Santa Maria.

LUIZA.

Porque ?

LOURENCINHO.

O duque sabe onde habitas, poderia mandar seguir-me, e se me vissem entrar em tua casa, tudo estaria perdido. Assim, em vez de me esperares, eu é que te esperarei.

LUIZA.

Onde ?

LOURENCINHO.

Inda não sei. Um homem irá buscar te a meia noite, apresentar-te-ha um meu bilhete ; esse bilhete dir-te-ha que o sigas, seguil o-has.

LUIZA.

Sim.

LOURENCINHO.

Seguil-o-has sem inquirires para onde, sem lhe perguntares onde te leva.

LUIZA.

Segui lo-hei sem dizer palavra, estás contente ?

LOURENCINHO.

Bem! bem! Luiza, coragem, chegamos ao cabo. Só te peço mais uma passada.

LUIZA.

E meu pai será salvo?

LOURENCINHO.

Por minha alma respondo-te por elle. Silencio! . . . .

LUIZA.

Que temos!

LOURENCINHO.

E' elle.

LUIZA.

Elle. . . . quem?

LOURENCINHO.

O duque.

LUIZA.

O duque, meu Deos!

LOURENCINHO.

Entra n'esta camara, sáe por onde frei Leonardo te fez entrar. . . . A's cinco horas virás á casa do duque. . . . A' meia noite espera em tua casa.

LUIZA.

Sim, adeos!

LOURENCINHO.

Adeos ! ( *empurra a porta.* ) Meu Deos, meu Deos, ha momentos em que tudo parece esmagar-me. Senhor, Senhor, depois de vos haver pedido força para os outros, dai-me a de concluir o meu intento.

---

**SCENA VIII.**

LOURENCINHO, O DUQUE.

O DUQUE.

Então, Lourencinho ?

LOURENCINHO.

Então ! aguardei-vos como convenciona-  
mos. Bem o vedes, senhor.

O DUQUE.

E Luiza ?

LOURENCINHO.

Vossa Alteza não a encontrou ?

O DUQUE.

Não.

LOURENCINHO.

E' extraordinario ! Sae d'aqui agora mes.

mo. Desceria por uma escada em quanto Vossa Alteza sobia pela outra.

O DUQUE.

Estás contente com ella ?

LOURENCINHO.

Encantado, senhor !

O DUQUE.

Que ! de certo, e quando a verei ?

LOURENCINHO.

Primeiro, ás cinco horas irá ella á casa de Vossa Alteza pedir licença para ver seu pai.

O DUQUE.

Oh ! que excellente menina !

LOURENCINHO.

Somente a pobre donzella, temendo fallarvos sosinha, pede que pela primeira vez o seu primo Lourencinho esteja lá.

O DUQUE.

Vamos, concedo-lhe o pedido.

LOURENCINHO.

Dessa vez fareis de Scipião, senhor; se quereis que lá torne, não convem espantal-a.

O DUQUE.

Bem ! seja assim, com a condição de não demorares a outra visita.

LOURENCINHO.

Seis ou sete horas de intervallo entre as duas, não é razoavel ?

O DUQUE.

Como ! vel-a hei esta noite ainda ?

LOURENCINHO.

Esta noite mesmo, senhor.

O DUQUE.

Apre ! pode-se-te incumbir taes negocios.

LOURENCINHO.

Não é assim ? O que vos previno é que a mim julga ella encontrar no lugar indicado. Ah ! foi-me preciso inventar uma historia inteira para decidir a pobre pombinha a sair de noite.

O DUQUE.

Como virá ella ?

LOURENCINHO.

Oh ! tudo está justo. Pedro irá busca-la com um bilhete de vosso criado ; fará diversas voltas, e para que ella não veja que entra em palacio, a conduzirá pela ruazinha da Crusca, e pela escada occulta da camara verde, a mais silenciosa e remota das vossas camaras, e da qual apenas dar-me-heis uma segunda chave.

O DUQUE.

Então encarregas-te de tudo ?

LOURENCINHO.

Sim, ceai descansado ! vesti vossas mais bellas roupagens, tomai vossas luvas mais perfumadas ; irei chamar-vos quando for tempo ; e depois, palavra de honra, o resto....

O DUQUE, *rindo-se.*

E' preciso confessar : es bem miseravel, Lourencinho !

LOURENCINHO.

E vós, senhor, sois um principe ditoso!

O DUQUE, *sahindo com Lourencinho.*

A proposito ; esse comediante com quem te deixei pela manhã tem alguma habilidade ?

LOURENCINHO.

Oh ! é um grande artista, e esta noite pretendo apresental-o a Vossa Alteza ; representará uma scena.... ( *saem a rir.* )

**Fim do Terceiro Acto.**



## ACTO IV.

---

### Personagens.

**LOURENCINHO.**

**STROZZI.**

**FREI LEONARDO.**

**CORSINI.**

**BERNARDO.**

**VICTOR.**

**LUIZA.**

**UM FAMILIAR.**

2000 1/2

2000 1/2

2000 1/2

2000 1/2

2000 1/2

2000 1/2

2000 1/2

2000 1/2

2000 1/2

2000 1/2

## ACTO 4.º

Uma camara na prisão do chefe dos archeiros, com pinturas velhas quasi apagadas. Ao diante, de cada lado, duas columnas, que sustêem a abobada.

---

### SCENA I.

FREI LEONARDO, *arrimado á columna á direita do espectador* ; VICTOR, *trepado n'uma poltrona, e escrevendo com um prego o seu nome na parede* ; BERNARDO CORSINI, e outros prisioneiros o observam.

FREI LEONARDO.

Que fazes ahi, Victor ?

VICTOR.

Bem o vedes, meu padre ; escrevo o meu nome junto do nome dos martyres que me precederam n'este mundo, e que me esperam no céo. Estes muros serão um dia o livro de ouro de Florença. Observai, eis o nome do velho Jacob dei Pazzi, o de Jeronimo Savonarole, Nicoláo Caducei, Dante de Castiglione. Oh ! vêde, que bello cortejo de nobres phantasmas a liberdade deve ter lá em cima. Agora tu, Corsini.

CORSINI.

Agradecido, Victor, porque quem merecer hoje um pequeno lugar n'estes muros ha de obter um distincto lugar na historia.... ( *escrevendo* ) ' Bernardo Corsini, morto pela liberdade. '

---

**SCENA II.**

OS MESMOS, STROZZI.

CORSINI A STROZZI, *que entra aproximando-se de manso.*

Agora tu. Strozzi.

STROZZI, *tomando o prego, e escrevendo.*

' Livra-me, ó Deos, dos homens em quem fia-se  
 Meu coração,  
 Livrai-me-hei d'aquelles a quem nego  
 Doce afeição.

VICTOR.

O conselho é bom, Strozzi, mas dado pelos muros de uma prisão, tem o defeito de chegar ja tarde. ( *Tomam outros o prego da mão de Strozzi, e continuam a escrever.* )

FREI LEONARDO.

Então, Strozzi ?

STROZZI.

Prompto, meu padre, não lhes causei grande afflicção.

FREI LEONARDO.

Disseste-lhes tudo ?

STROZZI.

Que lhes diria eu que elles não soubessem ?.... Sahira Strozzi de Florença porque era escrava, entrava nella para que fosse livre. Eis o que tinha a dizer-lhes, e o que elles tinham a ouvir.

FREI LEONARDO.

Logo, condemnado ?

STROZZI.

Condemnado !

FREI LEONARDO.

Strozzi, Deos não esquecerá o porque ! O seu reino é os dos martyres. Conserva sempre na hora da morte o santo nome d'aquelle em quem esperas no céo; ande elle sempre unido aos nomes dos que lamentas na terra, e da habitação da eterna felicidade, rogarás por esta desgraçada Florença, e pedirás para ella o perdão de seu Deos.

STROZZI.

Meu padre, de tal sorte hei sido enganado pela vida, que sinto grande difficuldade em confiar na morte.

FREI LEONARDO.

Que estás a dizer, Strozzi ? Serás dos que não crêem ? Oh ! desgraçado de ti, desgraçado d'aquelle que depois de haver soffrido na terra, não espera recompensa do céu. A morte é nada, Strozzi, quando se morre com a fé no coração.

STROZZI.

Esta fé tive-a eu. Serai culpado por meter ella abandonado ? Como queres que conserve esta fé, quando hei visto cair pelo ferro em nossos campos de batalhas, pelo cadafalso nas praças de nossas cidades, pelo veneno no lar domestico, tudo quanto n'esses lugares havia de nobre e de grande ?

FREI LEONARDO.

Deos te dá o exemplo da paciencia....  
acceita-o, Strozzi !

---

**SCENA III.**

OS MESMOS, O FAMILIAR, *depois*  
LUIZA.

O FAMILIAR.

Filippe Strozzi já voltou do interrogatorio?

STROZZI.

Quem o procura ?

O FAMILIAR.

Uma donzella que tem a autorisação de  
passar meia hora com elle.

STROZZI.

Luiza ! é Luiza !

LUIZA, *entrando.*

Sim, sim, meu pai. . . . (*são o guarda.*)

STROZZI.

Minha filha ! minha cara filha ! . . . tu me  
fazes tremer, Luiza ! de quem houveste permis-  
são para ver-me ?

LUIZA.

Do duque.

STROZZI.

Como a alcançaste ?

LUIZA.

Procurei-o.

STROZZI.

Onde ?

LUIZA.

Em sua casa.

STROZZI.

No palacio, em casa do duque ! Estiveste  
em casa d'esse infame ! A filha de Strozzi em  
casa do espurio dos Medicis ! Oh ! quizera an-

tes não ver-te, do que ver-te com semelhante condição !. . . . vai-te. . . . vai-te. . . .

FREI LEONARDO.

Strozzi, sê homem.

STROZZI.

Ella esteve em casa delle, meu padre !  
Ella entrou n'esse prostibulo, n'essa caverna de devassidão. E com quantos annos de innocencia pagaste a permissão de me veres meia hora? Responde, Luiza, responde.

LUIZA.

Meu pai, Deos sabe que não mereço o que me dizeis. Alem disso, eu não estava só ; Lourenço estava lá, Lourenço estava junto do duque, elle não nos deixou.

STROZZI.

Assim, Luiza, por uma infame condição?...

LUIZA.

Nada, nada, meu pai, pela honra de meus maiores ! lancei-me a seus pés, pedi que me concedesse ver-vos ; elles trocaram algumas palavras em voz baixa ; depois o duque assignou um papel, entregou-m'o, e eu sahi sem ter que envergonhar-me, senão de sua vista !

STROZZI.

Não importa, minha filha, não importa, Luiza ! Debaixo d'esta clemencia ha algum mysterio terrivel, que me faz tremer. Mas já que nos concedem meia hora, aproveitemol-a.



Luiza, Deos te deo forças ; podemos fallar-te como a uma mulher, e não como a uma criança.

LUIZA.

Oh ! meu Deos ! . . . . vós me fazeis tremer!

STROZZI.

Tu conheces o homem que pede a minha cabeça . . . . conheces o tribunal que me julga.

LUIZA.

Meu pai, serieis vós condemnado ?

STROZZI, *hesitando.*

Ainda não ; porem posso sel-o ; selo-hei certamente. Responde-me por tanto, como se já o fora. Vê que é a tranquillidade de meus ultimos momentos que vou pedir-te . . . . pondera que ao condemnado não convem só morrer ; é preciso que morra como christão !

FREI LEONARDO.

Graças vos sejam dadas, meu Deos, que enviastes este anjo, para lhe restituir a fé, que perdêra !

LUIZA.

Que convem que eu faça, meu pai ? Fal-o-hei promptamente.

STROZZI.

Lego que vires erigir o meu cadafalso, logo que souberes que caminho para o supplicio, jura-me que não darás para esse homem um passo para me salvares. Minha filha ! minha queri-

da filha ! quando a minha vida estivesse a premio, não é verdade que não haveria pacto algum entre tua innocencia e sua infamia ? Pela alma de tua mãe, por meu amor paternal, infinito como se fosse divino, Luiza, eu t'ojuro ; tu não me salvarias ; pelo contrario eu morreria exasperado ! E depois de me teres perdido na terra, não me acharias no céu.

LUIZA, *de joelhos.*

Meu pai, meu pai, eu vol-o juro ; e Deos me castigue n'este e no outro mundo, se eu quebrar o juramento !

STROZZI, *curvando-se para ella, e pondo-lhe as duas mãos na frente.*

Ainda não é tudo, minha filha. O perigo que te segue durante minha agonia, pode sobreviver á minha morte ; o que elle não obtiver pelo terror, póde alcançal-o pela violencia.

LUIZA.

Meu pai !

STROZZI.

Elle póde tudo. . . . ousa tudo. . . . é um infame !. . . .

LUIZA.

Ah ! meu Deos !

STROZZI.

Luiza, preferes morrer joven e pura, a viver na vergonha e na deshonra ?

LUIZA.

Oh ! sim, cem, mil vezes ; Deos o sabe.

STROZZI.

Pois ouve ! Se cahires nas mãos d'esse homem, se não deparares algum meio de lhe escapar, se a misericordia de Deos não te offercer alguma esperança....

LUIZA.

Acabai ! acabai !

STROZZI.

Minha pobre filha !... nasceste para viver entre os ditosos do mundo.... Eu devia deixar-te terras, palacios, o dote de uma duqueza. Palacios, fortuna, tudo perdi.... Vou morrer, e morrendo deixo-te tão pobre como os mais pobres da terra.... Restava-me um só thesouro.... que eu tenho escondido aos olhos de todos, ultimo consolador.... amigo supremo que devia agorentar-me o tormento, e poupar-me o cadafalso.... ( *tirando um frasco do peito.* ) Era este venenco.... este frasco é a liberdade.... é a honra ! toma-o Luiza, eu t'o dou, e lembra-te que es filha de Strozzi.

LUIZA, *tomando o frasco.*

Será feita a vossa vontade ; eu vo-lo-juro.

STROZZI, *com a filha nos braços.*

Agradecido, minha filha. Ah ! agora morrerei tranquillo.

FREI LEONARDO.

Senhor, ouves este juramento ; mas certamente o não deixarás cumprir.

---

**SCENA IV.**

OS MESMOS, O FAMILIAR, UM MASCARA. ( *O homem mascarado entra com o guarda ; mas em quanto este adianta-se, elle fica no meio do theatro ; todos se apartam d'elle.*  )

O GUARDA A STROZZI.

Já se passou a meia hora concedida ; vem sahir.

LUIZA.

Já, já !

STROZZI.

Vai, minha filha, sê ditosa !

LUIZA.

Deixai-nos mais um instante, mais um segundo !

STROZZI.

Não, vai, vai. Adeos, minha filha.

LUIZA.

Adeos, meu pai.

FREI LEONARDO.

Até nos vermos no céu.

STROZZI, *torcendo os braços.*

Oh! meu Deos! meu Deos!

FREI LEONARDO, *apertando-o ao coração.*

Coragem, coragem, pai desditoso!

O MASCARA A LUIZA, *que passa ao pé d'elle.*

Luiza!

LUIZA.

Lourencinho! (*Ella faz movimento para regressar.*) Ah!

LOURENCINHO, *detendo-a.*

Silencio.... Até a noite.

LUIZA.

Até a noite! (*Sáe com o guarda.*)

**SCENA V.**

OS MESMOS, LOURENCINHO *maskarado, e em distancia entre os prisioneiros.*

VICTOR, *dirigindo-se a elle.*

Quem es tu, que assim entras mascarado entre nós? Alguma espia d'esse Mauricio... algum esbirro do duque?

CORSINI.

Es o atormentador? estamos promptos para os tormentos!

VICTOR.

Es o algoz? Estamos promptos para a morte! (*Victor adiantando-se um passo.*) Eia, falla, ave da noite e da desventura!. . . . Que noticias nos trazes?

LOURENCINHO, *desmascarando-se.*

Trago-vos a noticia de que estais todos condemnados, e que sereis executados ao romper d'alva.

TODOS.

Lourencinho!

STROZZI E FREI LEONARDO.

Lourencinho!

CORSINI.

Que queres?

VICTOR.

Que procuras ?

LOURENCINHO.

Que vos importa a vós, que nada tendes a fazer n'este mundo, se não orar e morrer?

FREI LEONARDO.

Lourencinho, desces ás catacumbas para insultar os martyres?.... Dize, que vens buscar?.....

LOURENCINHO.

Vós o ides saber.... porque a vós é que procuro.

FREI LEONARDO.

Que me queres ?

LOURENCINHO.

Ordena que se retirem estes homens para que fiquemos tão sós quanto for possivel.

FREI LEONARDO.

E para que ?

LOURENCINHO.

Porque tambem eu estou em perigo de morte, e tenho um segredo a revelar-te.

FREI LEONARDO, *recuando.*

A mim ?

LOURENCINHO.

A ti.

FREI LEONARDO.

E porque antes a mim do que a outro ?

LOURENCINHO.

Porque estás condemnado, ou vas sel-o : porque a tua vida depende de meu segredo: porque tu e os teus companheiros sereis perdidos, se d'elle transpirar alguma cousa.

FREI LEONARDO.

Irmãos, retirai-vos.

LOURENCINHO, *de joelhos.*

Meu padre, ha dous annos que voltei de Roma a Florença ; eu a tinha deixado, se não feliz, calma pelo menos. Achei-a febricitante, e ensanguentada. Percorri os bairros da cidade, interroguei o pardieiro do pobre, e o palacio do rico. Introduzi-me com os mecanicos, e com os orgulhosos patricios: uma só voz, semelhante a um gemido immenso, erguia-se de todos os angulos para accusar o duque Alexandre; este pedia-lhe o seu dinheiro, est'outro a sua honra, aquelle seu pai, aquell'outro seu filho. Todos choravam, todos carpiam, todos accusavam; e eu disse entre mim : Não é justo que um povo inteiro soffra d'esta sorte pela tyrannia de um só homem.

FREI LEONARDO.

Ah !



LOURENCINHO.

Então, lancei os olhos em de redor de mim. . . . Vi debuxada a vergonha em todos os semblantes, o terror em todos os espiritos, a corrupção em todas as almas. Procurei a que arrimar-me, senti que tudo se curvava debaixo de minha mão. A delação andava por toda a parte, no interior, e no exterior : penetrava no seio das familias ; percorria as praças publicas, assentava-se no lar conjugal. . . . punha-se aos marcos das encrusilhadas. . . . Então comprehendí que todo aquelle que quizesse conspirar em semelhantes conjuncturas só devia tomar por confidente o seu pensamento, e por complice o seu proprio braço. . . . Comprehendi que, semelhante a Bruto, elle se devia cobrir com um véo espesso, para que nem um olhar humano o podesse penetrar. Lourenço se tornou Lourencinho.

FREI LEONARDO.

Continúa, meu filho, continúa.

LOURENCINHO.

Convinha chegar-me ao duque ; convinha que elle desconfiasse de todos, e só se escudasse em mim. Fiz-me seu cortezão, seu criado, seu bobo !. . . . Obedeci ás suas ordens, preveni suas vontades, anticipei seus desejos. Durante dous annos Florença me chamou traidor, covarde e infame ; durante dcus annos o desprezo de meus concidadãos pesou sobre mim como a pedra de um tumulo ! Durante dous annos todos os corações duvidaram de mim, exce-

pto um só; durante dous annos uma só vez não encontrei occasião de executar meu projecto. . . . Mas tenho conseguido, tenho attingido o meu alvo, o fim a que queria chegar, o termo de minha longa e penosa marcha, meu padre. Dentro em poucas horas matarei o duque Alexandre.

FREI LEONARDO.

Fallai baixo, fallai baixo.

LOURENCINHO.

Porem o duque é gentil, o duque é forte, o duque é bravo. Tentando salvar Florença, posso succumbir tambem. Preciso por tanto de absolvição. . . . Ah! dai-m'a, meu padre, dai-m'a sem hesitar. . . . Tenho soffrido muito na terra, não deveis pois recusar-me abrir o céu.

FREI LEONARDO.

Lourencinho, é crime absolver te; mas não importa, eu o tomo sobre mim. . . . E quando Deos te chamar para te pedir conta do sangue que houveres derramado, eu me apresentarei bradando: Senhor, não procureis o reo, eil-o em vossa presença.

LOURENCINHO, *levantando-se.*

Pois bem! está dito. . . . Agora, elle, tambem elle está condemnado. (*Adianta-se para o fundo, e vendo que os prisioneiros lhe obstem a passagem.*) Dai-me licença, Senhores.

VICTOR.

E se nós não quizermos deixar-te passar;

se tivéssemos o desejo de nos vingar antes de morrer ; se em quanto te havemos ás mãos, houvessemos decidido triturar-te, esmigalhar-te com os nossos grilhões ?

TODOS.

Sim, morra aquelle que nos vendeo, morra o traidor ! morra o infame !

FREI LEONARDO.

Detem-te, Lourencinho ; é o ultimo soffrimento de tua paixão, o ultimo espinho de tua corôa. ( *Voltando-se aos presioneiros.* ) Irmãos, deixai passar este homem ; é o maior de nós todos.

**Fim do Quarto Acto.**

... de la ...  
... de la ...  
... de la ...

Todos

... mais quelle que nos ...  
... a ...

TRILIBRADO

... de la ...  
... de la ...  
... de la ...

... de la ...

## ACTO V.

---

### Personagens.

**LOURENCINHO.**

**MIGUEL.**

**O DUQUE.**

**PEDRO.**

**LUIZA.**

1870

THE UNIVERSITY

OF MICHIGAN  
LIBRARY  
ANN ARBOR  
MICHIGAN

## ACTO 5.º

Uma camara do palacio, tapeçaria verde e guarnecida de ouro. No fundo, uma grande chaminé da renascença com as armas dos Medicis; á esquerda, no primeiro plano, uma porta, que dá para a escada; no segundo plano, uma segunda porta, que vai ter n'um gabinete; entre as duas portas o retrato do duque; á direita, no segundo plano, uma janella; no primeiro, um leito de columnas torsas. Ao erguer do pano o theatro é apenas allumiado pelo fogo que arde na chaminé.

---

### SCENA I.

LOURENCINHO, *conduzindo a* MIGUEL  
*com os olhos vendados.*

Bem ! Miguel, foste pontual.

MIGUEL.

E vós exacto na hora.

LOURENCINHO.

Não tinha razão para esquecel-a ; ha dous annos a espero.

MIGUEL.

Oh ! Então breve sereis vingado ?

LOURENCINHO.

Dentro em uma hora o serei.

MIGUEL.

Sois bem ditoso.

LOURENCINHO.

Logo, se estiveras em meu lugar....

MIGUEL.

Vingar-me e morrer ; fora essa a minha divisa.

LOURENCINHO.

Então entraste em Florença para matar o duque Alexandre ?

MIGUEL.

E' essa a minha unica esperanza.

LOURENCINHO.

Conservas a mesma intenção ?

MIGUEL.

Mais que nunca !

LOURENCINHO.

E nem por ouro, nem por prata, nem por ameaças, nem por supplicas renunciarias ao teu projecto ?

MIGUEL.

Jurei matal-o sem piedade, sem misericordia.

LOURENCINHO.

Logo é pura verdade o que me has contado?



MICUEL.

Eu vol-a disse nua e crúa.

LOURENCINHO.

E' impossivel crel-o.

MIGUEL.

Então porque ?

LOURENCINHO.

E' muita infamia.

MIGUEL.

Razão de mais.

LOURENCINHO.

Era bella essa joven ?

MIGUEL.

Bella como um anjo.

LOURENCINHO.

Como a chamavas ? Esqueceo me o seu nome.

MIGUEL.

Nella.

LOURENCINHO.

Nella.... Parece-me que morreo á noite passada no Convento da S. Cruz uma religicsa com esse nome.

MIGUEL.

Era ella.

LOURENCINHO.

LOURENCINHO.

Em que idade morreo ?

MIGUEL.

Na de dezoito annos.

LOURENCINHO.

Era bem tenra.

MIGUEL.

Não, porque havia dous annos que a desgraça e a vergonha lhe tinham entrado na vida.

LOURENCINHO.

Dizes que depois de te haver feito conceber esperanças de seres seu marido o duque Alexandre....

MIGUEL.

Calai-vos !

LOURENCINHO.

Uma noite diante de ti, em uma orgia....

MIGUEL.

Calai-vos ! calai-vos ! vós me tornarieis insensato.... Basta de fallar de mim, e de fallar d'ella; fallemos de vós. Trouxestes-me aqui para vos ajudar a matar alguém ; promettestes-me que depois me darieis a liberdade.... Ora, vamos, quem é esse homem tão desamparado do céo, por cujo sangue sou obrigado a comprar a minha vingança ? Nomeiai-m'o, estou prompto.

LOURENCINHO.

Não é mister, tu o verás.

MIGUEL.

Conheço-o por consequencia ?

LOURENCINHO.

Sim.

MIGUEL.

E' um amigo ou um inimigo ?

LOURENCINHO.

Tens memoria pessima, Miguel.... nomeiaste-me quatro homens, que estavam n'essa camara durante aquella noite fatal ; e eu tenho dito que aquelle de quem tenho a vingar-me é um d'esses quatro....

MIGUEL.

Sim, sim, é verdade, basta isso.

LOURENCINHO.

Pois bem ; escuta agora as ultimas instrucções.

MIGUEL.

Eu escuto.

LOURENCINHO.

Aqui virá uma joven.

MIGUEL.

A esta camara ?

LOURENCINHO.

LOURENCINHO.

Sim.

MIGUEL.

Depois ?

LOURENCINHO.

Não convem que te ella veja ; não convem que te ouça, é mister que ignore que estás aqui...

MIGUEL.

Onde me porei então ?

LOURENCINHO.

N'este gabinete.

MIGUEL.

Bem, e quando deverei saber ?

LOURENCINHO.

Quando eu bradar: A mim Miguel, avante!

MIGUEL.

Bem !

LOURENCINHO.

Avante ! percebes ?

MIGUEL.

Está justo, repito-vos !

LOURENCINHO.

Até nos vermos.

MIGUEL.

Uma palavra. . . . onde estamos ?

LOURENCINHO.

Accende esta vela, e verás.

MIGUEL.

Então, conheço esta camara ?

LOURENCINHO.

Talvez. . . . Adeos Miguel.

---

**SCENA II.**

MIGUEL só.

Conheço perfeitamente esse homem, diz elle. . . . talvez conheça esta camara. . . . Que quer isso dizer, e que suspeita me assalta ? No meio de todos esses rodeios que me fez tomar para trazer-me aqui, ainda que vendado, mais de uma vez apalpando julguei encontrar sitios conhecidos. . . . Estaremos por ventura no palacio do velho Cosme ? Passando pelo vestibulo, toquei columnas estreadas. . . . Ah ! meu Deos ! . . . Se o que se crera ao principio fosse realidade, se essa loucura de Lourencinho fosse uma apparencia, se elle conspirasse verdadeiramente contra o duque, se esse homem que vai chegar fosse elle, se esta camara fosse aquella. . . . Nella ! Nella ! Oh ! fora alegria extrema. . . .

Vejamos, vejamos, convem que me certifique....  
*( Accende uma vela na chaminé e volta para a scena. )* Foi aqui ! foi aqui ! Ah ! ah ! ah ! du-  
 que Alexandre, vou pois pilhar-te, vou tomar  
 a desforra.... Agora, reunamos as nossas  
 ideias.... Que me disse elle ? Que me reco-  
 mendou ? não me recordo.... Ah ! é isso....  
 virá uma joven.... e para que me não veja de-  
 vo occultar me n'este gabinete.... muito bem!...  
 Depois elle me chamará quando for tempo....  
 Oh ! Deos queira que assim se passe tudo !  
 que não falhe nada do que se preparou, que  
 elle não suspeite a armadilha!.... que ve-  
 nha.... Passos !.... Sobem por essa esca-  
 da.... se fosse elle !.... *( correndo ao gabi-  
 nete e espreitando pela porta. )* Não, é a jo-  
 ven.... Lourencinho, conta comigo.

---

**SCENA III.**

LUIZA, PEDRO, MIGUEL, *occulto.*

PEDRO,  *mascarado.*

Chegamos, aqui é que deveis esperar.

LUIZA.

Agradecida ! *( Assenta-se. )*

PEDRO.

Desejais alguma cousa, senhora ?

LUIZA.

Não, dissei só áquelle que vos enviou, que cheguei já, e que o espero.

PEDRO.

Obedeço, senhora. (*Sáe e feixa a porta à chave : ouvem-se tocar horas.*)

---

**SCENA IV.**

LUIZA, só, *escutando.*

Meia hora depois de meia noite!... passam as horas como se tivessem azas... Oh! meu pai, meu pai! Quando penso que amanhã, isto é, que hoje, dentro em algumas horas... Lourenço me disse que estivesse tranquilla, todavia pela primeira vez não confio em sua palavra; vou vel-o, e todavia pela primeira vez estremeço e temo esperando-o. Esta noite estava sombria, e fria; depois este homem me fez passar tantas ruas estreitas e escuras, que se dissera temer que eu reconhecesse o caminho por onde me conduzia... Este homem não está a serviço de Lourenço, não reconheci sua voz... (*escutando.*) Ah! (*aproximando-se á escada.*) Julguei ouvir passos... mas não, enganava-me, ainda não era elle... Onde estou eu? para onde me fez elle conduzir? não conheço este quarto, pela primeira vez aqui venho... esta janella dá na via Larga...

( *levantando os olhos acima da chaminé.* ) Estas armas são as dos Medicis. ( *observando um retrato.* ) Este retrato é o do duque Alexandre.... Que quer isso dizer?... um manto! O manto que trazia o duque quando foi hoje a cella de Frei Leonardo.... sim, sim, eu o reconheço!.... Para onde me conduziram, meu Deos? Estarei no paço do duque? Sim, sim, nada de duvidas!.... e esta camara que dá na via Larga, esta camara com estas armas, com este retrato, com este manto.... esta camara é a sua.... Oh! meu Deos! trahida, trahida por elle!.... Ah! uma carta, uma carta do punho de Lourencinho?... A' Sua Alteza o duque Alexandre. Ah! eu desfaleço!.... ( *lé* ) ' Senhor, ceia: contente; acabo de ver a nossa bella afflicta; como eu o previa, ella não foi insensivel á esperanza de salvar seu pai.... A entrevista tem lugar a huma hora; e será na camara verde. Cinco de Janeiro de mil quinhentos e trinta e seis. Lourencinho.' A camara verde, eil-a.... Meia hora acaba de soar.... nada de duvidas, estou vendida, atrainçoadada.... Eis porque elle tinha denunciado meu pai.... oh! vendida por elle, por Lourencinho!... Meu pai tinha razão em desconfiar d'elle; Florença tinha razão de o chamar infame.... eu, só eu era insensata em crel-o... depois de ter atrainçoadado o pai, eil-o que atrainçoa a filha.... um entrega ao cadafalso, a outra á deshonra.... E tudo isso em nome de seu amor. Oh! isso é bem horroroso, é bem immoral, é bem infame!.... Talvez ainda seja tempo.... ( *correndo á porta por onde entrára.* ) Fechada! ( *correndo á outra.* ) Fechada!



( *Dá uma hora* ) uma hora... uma hora !...  
 E o duque deve chegar a uma hora... Meu  
 Deos ! que farei ? que virá a acontecer ? ( *en-  
 contra o leito, recúa horrorisada, e cobre a face  
 com um véo.* ) Rainha dos Anjos, tende pieda-  
 de de mim. ( *apartando o véo com horror.* )  
 Passos... sobem a escada... Para onde fu-  
 girei ? onde me occultarei ? Estou perdida !...  
 ( *soltando um grito de alegria e tirando um  
 frasco do seio.* ) Ah ! meu pai ! meu pai ! eu t'o  
 agradeço... ( *bebe o veneno.* ) Meu Deos !  
 perdoai-me !

---

SCENA V.

LOURENCINHO, LUIZA *de joelhos*, MI-  
 GUEL, *escondido*.

LOURENCINHO, *abrindo a porta precipita-  
 damente.*

Luiza, estás aqui ?

LUIZA, *levantando-se.*

Lourenço ! ( *lançando-se nos braços um do  
 outro.* ) Ah !

LOURENCINHO.

Aqui estou ! nada temas... espera que  
 eu feche esta porta... Oh ! Luiza, chegaste,  
 foste nobre e constante até o fim ; agora sê for-  
 te ; porque vão passar-se aqui cousas terriveis,  
 e é necessario que sejas testemunha d'ellas.

LUIZA.

Meu Deos !

LOURENCINHO.

Disse-te que amanhã teu pai seria salvo, disse-te que em oito dias serias minha mulher, e só um meio havia para isso, era matar o duque. . . . o duque vai morrer.

LUIZA.

Quando ?

LOURENCINHO.

Agora mesmo.

LUIZA.

Onde ?

LOURENCINHO.

Aqui.

LUIZA.

Meu Deos !

LOURENCINHO.

Silencio ! . . . . são d'essas necessidades terriveis, Luiza, que muitas vezes Deos envia aos povos que castiga, e aos homens que prova.

LUIZA.

Aqui, n'esta camara ?

LOURENCINHO.

Sim ; elle julga que aqui o aguardas, in-

sensato ! elle vem impellido pela mão da justiça.

LUIZA.

E foste tu quem se encarregou d'esta sanguinolenta missão ?

LOURENCINHO, *enchendo-se de enthusiasmo.*

Sim, fui eu, fui eu quem vai mudar em um instante a face da Italia ! . . . eu, que ainda esta noite despresado por Florença, ámanhã serei adorado por ella. . . eu enfim, que de escravo vou tornar-me senhor. . . porque bem o sabes, Luiza, depois d'elle, cabe a mim o throno ! . . . Oh ! Florença ! Florença ! vás tornar a viver a tua vida grande e nobre. . . os dias de teus artistas, de teus guerreiros, de teus poetas vão surgir radiantes. . . serás ainda a patria dos Cimabuées, dos Donatellos, e dos Migueis Angelos; verás erguerem-se da terra os filhos dos Farinatas des Ubertis, os Joãos de Medicis; talvez vejas renascer outro Dante. . . mas, em todo o caso, se o segundo te faltar, e só tiveres o primeiro, consola-te, minha bella Florença ; isto bastaria para um reino, fosse embora tão grande como toda a terra. . . E sou eu, o teu Lourenço, quem fará tudo isso, eu teu amante, teu esposo, percebes. . . percebes, minha bella duqueza ? . . . ( *Luiza faz um movimento de dôr.* ) Oh ! nada temas ; as nossas medidas estão tomadas, e elle não pode escapar-me ; animo ! longe estão os seus famulos, elle virá só, e quando entrar, um homem, um homem a quem mortalmente insultára como a mim, esse homem entrará apoz elle, e lhe fechará a por-

ta.... Ah ! que tens? Meu Deos!... tremes, vacillas.... impallideces, Luiza.... quando a ventura nos acena, o valor que te susteve em nossa desgraça faltar-te-ha para fruir a nossa felicidade?

LUIZA.

A nossa felicidade, Lourenço.... Ah !

LOURENCINHO.

Que ! falla, falla.... tu me assustas.... que aconteceo ?

LUIZA.

Lourencinho, perdôa-me.

LOURENCINHO.

Eu, perdoar-te l... que crime terei a perdoar-te, que crime perpetraste, casto anjo do céo ?

LUIZA.

Vendo-te!... ouvindo-te... eu havia tudo esquecido ; mas a morte, essa nada esquece.

LOURENCINHO.

A morte ?

LUIZA.

Escuta, meu Lourenço, eu te amava estremecidamente, percebes ?

LOURENCINHO.

Falla, falla.

LUIZA.

Pois bem ! Vendo esta camara, estas armas, este retrato, este manto, esta carta, que é tua, que é de teu punho, Lourenço, perdoame, julguei-me trahida e duvidei de ti.

LOURENCINHO.

Bem ! aqui estou.... tu sabes que tudo isso era apenas um meio de o trazer aqui, só, sem sequito. . . . sabes que te amo, que vai sorrir-te a ventura, que vás ser grande, honrada ; já não duvidas, não é assim ?

LUIZA.

Lourenço, eu duvidei, e te havia dito que, se algum dia duvidasse de ti, essa duvida seria a minha morte.

LOURENCINHO.

Depois, depois ?

LUIZA, *apanhando o frasco.*

Toma, Lourenço, este frasco está vazio.

LOURENCINHO.

Meu Deos ! meu Deos ! eu não velo, durmo, algum pesadello horrivelme acommette. . .  
Luiza, este veneno, quem t'ó deo ?

LUIZA.

Meu pai.

LOURENCINHO.

Vejamos ; talvez seja ainda tempo de salvar-te. Socorro ! socorro !

LUIZA, *detendo-o.*

E o duque ? . . . .

LOURENCINHO.

Que me importa o duque ? que me importa o mundo ? Que me importa Florença, quando minha Luiza vai morrer ?

LUIZA, *detendo-o.*

Lourenço, em nome do céo . . . . tu nos perdes sem me salvar . . . . o duque saberá que o trahiste, e contigo perder-se-ha a unica esperanza da Italia . . . . Depois, Lourenço, conheço que morreria, senão estivesses presente . . . . não me deixes morrer só . . . .

LOURENCINHO.

Não, não, não te deixarei ! Alguem póde correr em meu lugar . . . . esse homem de quem te fallava, e que está ali . . . . Miguel ! a mim ! Miguel.

MIGUEL, *entrando.*

Prompto, Senhor.

LUIZA.

Que fazes ?

LOURENCINHO.

Miguel, em nome do céo, tu que tanto a-

maste, que tens soffrido tanto, Miguel, tem piedade de mim.... A minha Luiza, este anjo que vês, vai morrer, morrer envenenada.... Soccorro ! soccorro.

MIGUEL.

E o duque?

LOURENCINHO.

Miguel, se quando Nella estava para morrer, pozessem o teu odio em equilibrio com o teu amor, que terias feito, dize ?... Responde...

MIGUEL.

Vou vel-o.

LOURENCINHO.

Luiza, minha Luiza, espera, elle chegará presto. Oh ! talvez este veneno não seja mortal.... mas tambem, meu Deos ! como podes-te duvidar de mim ?

LUIZA.

Ah ! não, não me accuses, Lourenço.... o meu unico crime é o meu amor ; morrendo, morria por ti, morria para conservar a tua esposa santa e pura.

LOURENCINHO.

Oh ! desgraça ! desgraça !

LUIZA.

Oh ! não blasphememes, Lourenço.... Morro em teus braços.... não me lamentos,.... não me lamentos, sou feliz !

LOURENCINHO.

Porem eu, eu que te perco ! eu que depois de ter sonhado o céo, vou cahir n'este inferno ? Oh ! meu Deos ! oh ! meu Deos ! (*Leva-a para o leito.* ) Luiza, minha adorada Luiza !

MIGUEL, *entrando.*

Eis o duque.

LOURENCINHO, *deixando Luiza deitada.*

O duque . . . . Oh ! emfim . . . .

MIGUEL.

Que convem fazer ?

LOURENCINHO.

Pôr-te detraz d'essa tapeçaria, e quando elle entrar . . . entre elle e a porta. Vai. (*Corre ao leito, e lança a coberta de brocado sobre Luiza.* )

LUIZA.

Não me deixes, Lourenço, não me deixes.

LOURENCINHO.

Um instante, um só instante, minha Luiza, depois voltarei a ti para sempre !

O DUQUE, *fora e batendo.*

Que ! não ha ninguem n'esta camara ?

LOURENCINHO.

Ha, senhor, aqui estou, e vos espero ; entrai, duque.



**SCENA VI.**

**LUIZA**, *deitada*, **LOURENCINHO**, **O DUQUE**, **MIGUEL**.

O DUQUE.

Pedro foi dizer-me que Luiza me esperava, e uma vez que não me foste chamar, eu mesmo vim; onde está ella? (*Dá um passo para o meio da scena: n'este tempo Miguel se põe entre elle e a porta, tira pela espada, espera.*)

LOURENCINHO, *tomando o duque pela mão*.

Para aqui, duque Alexandre, para aqui!  
(*arrojando a coberta para os pés do leito.*)  
Vê, observa, eil-a ahi.

O DUQUE.

Esta mulher está morrendo!

LOURENCINHO.

E es tu quem a mata. Agora, duque, ouve: eu amava esta mulher com todas as forças de minha alma, e a ti, detesto-te com todo o rancor do meu peito.... Julga por tanto o que se vai passar entre nós.

O DUQUE.

Lourencinho ameaça.... julgo.... Ah! a cousa é nova e curiosa.

LOURENCINHO.

Sim, e ella te espanta, não é assim, duque Alexandre? Ha dous annos que tua morte es-

tá assentada !... Duque Alexandre, tu vas morrer.

O DUQUE.

Ah! ah! uma emboscada! um assassinio. (*procurando a espada.*) Desarmado! desarmado! (*volta-se, quer fugir, e Miguel lhe corta a passagem.*) Escuta, dou-te cem, mil vezes mais do que te prometteram... Deixa-me só passar, é tudo o que exijo.

MIGUEL.

Deixar-te passar, duque Alexandre... Então não me conheces? Eu sou o teu bobo, sou Miguel... sou o amante de Nella; e esta camara... lembras-te...

O DUQUE.

E eu sem armas! sem armas! Ah! n'este gabinete... uma espada. (*Precipita-se n'elle, Miguel o segue.*)

LOURENCINHO.

A elle, Miguel.

O DUQUE, *soltando um grito no gabinete.*

Ah! (*apparece Miguel.*)

LOURENCINHO.

Então?

MIGUEL,

Morto!

LUIZA,

Meu pai ?

LOURENCINHO.

Salvo !

LUIZA.

Florença ?

LOURENCINHO.

Livre!

LUIZA, *arrastando-se para os braços de Lourençinho.*

Agora, posso morrer.

LOURENCINHO.

Meu Deos ! meu Deos ! porque sou condemnado a viver !

MIGUEL, *sahindo do gabinete, e enxugando a espada debaixo do braço.*

Estamos quites, vive-se melhor quando se está vingado !

**FIM.**

107

BRITAIN

BRITAIN

BRITAIN

BRITAIN

BRITAIN

BRITAIN

BRITAIN

BRITAIN

BRITAIN

BRITAIN

BRITAIN

BRITAIN

BRITAIN

BRITAIN

BRITAIN

BRITAIN

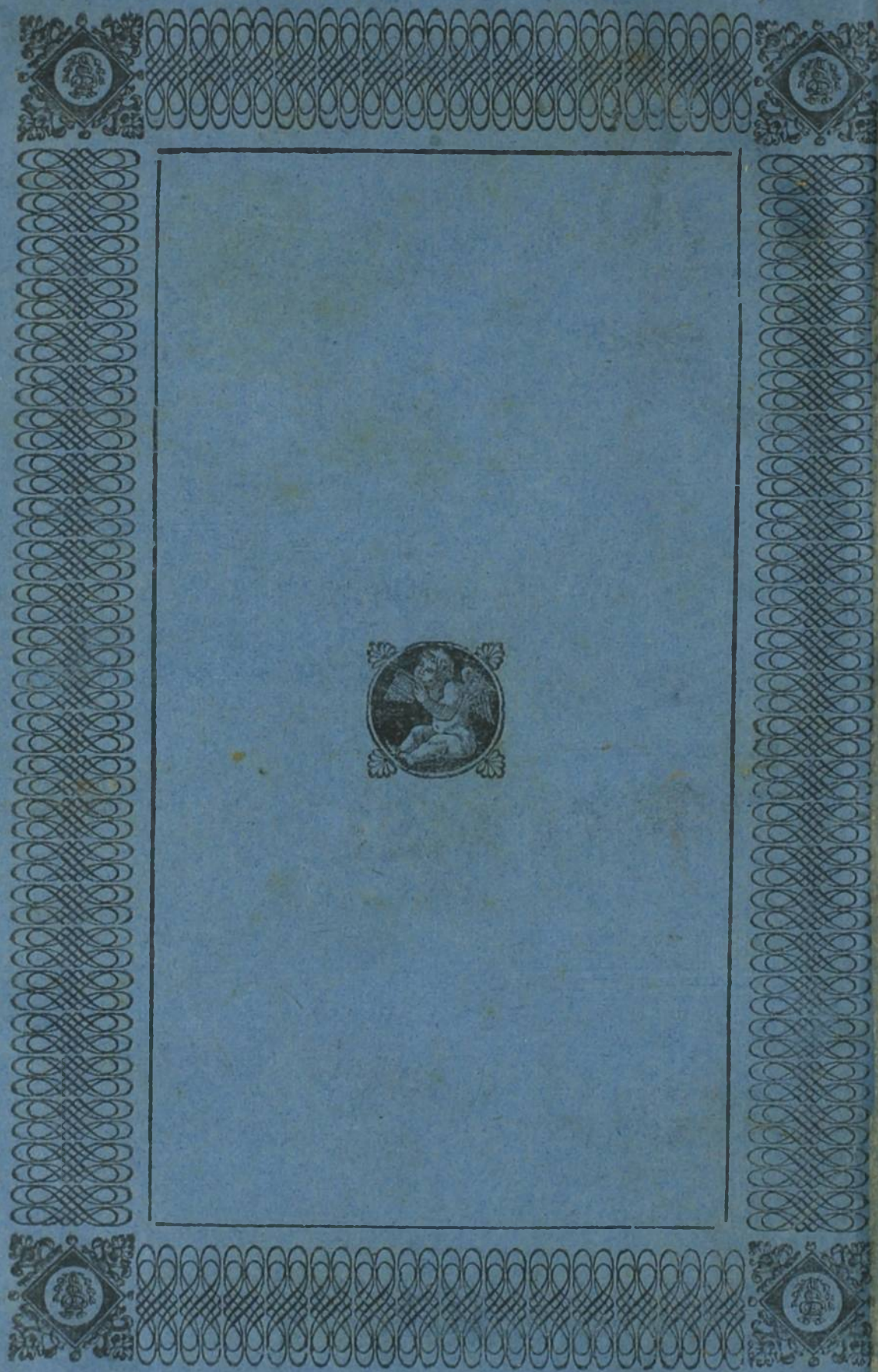
BRITAIN

BRITAIN

BRITAIN

BRITAIN







376





